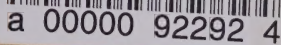
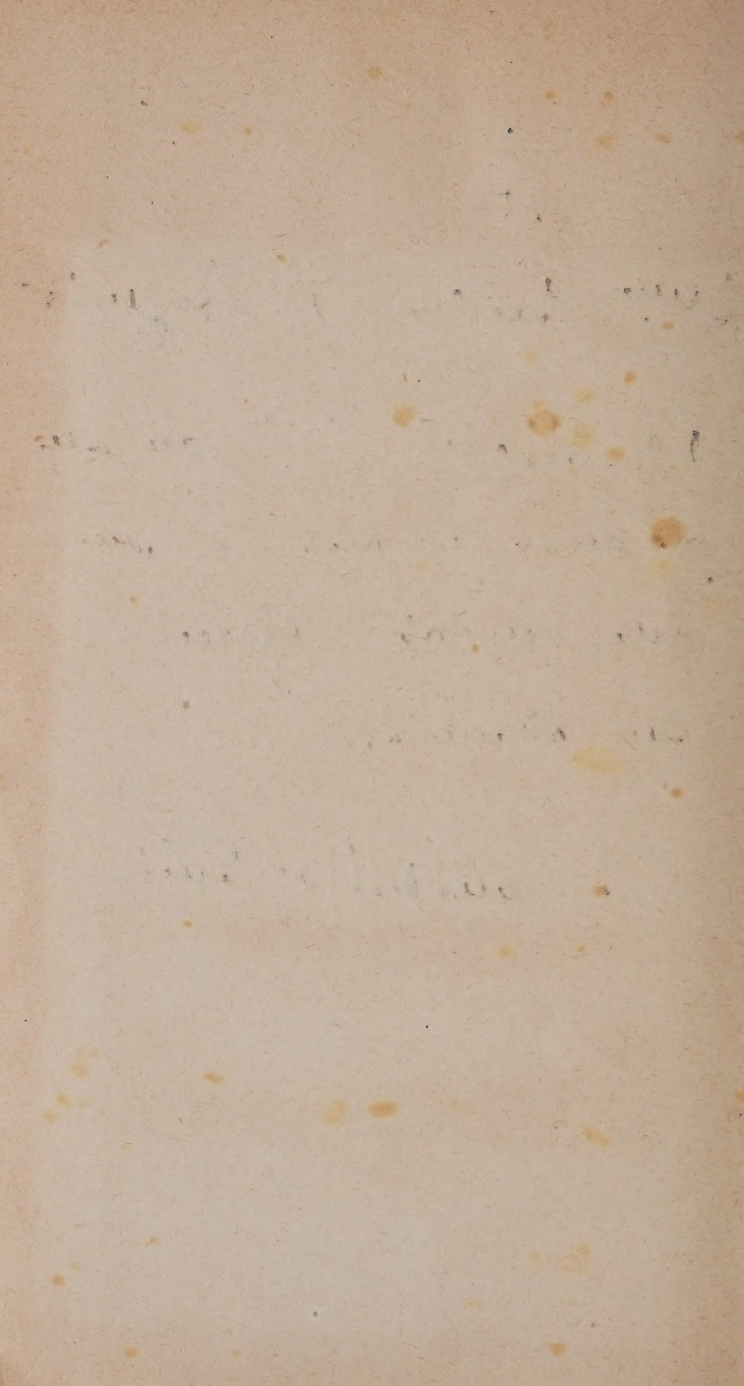
NUNO DE MONTEMÓR

Amor de Deus e da Terra

(2.ª edição)

Prefacio
de
Affonso Lopes Vieira

Amôr de Deus

e

da Terra

Do autor :

A oração da soledade (*exgotado*)

O meu retiro

Lôdo e Neve

Flavio

O Cantico da Dôr

Amôr de Deus e da Terra (2.ª *edição*)

A Paixão de uma religiosa (3.ª *edição, ilustrada*)

Em memoria de uma rosa branca

O Irmão de Luzia (3.ª *edição*)

O Avô (2.ª *edição*)

A seguir :

Pobrezinhos de Cristo

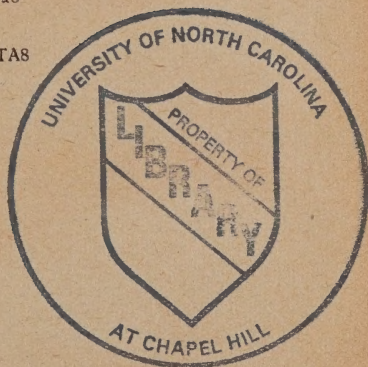
O Serafim da Estrela

Gente da minha terra

RC
C

NUNO DE MONTEMÓR

Amôr de Deus e da Terra

Comp. e impressão
na
EMPRESA VERITAS
GUARDA

INSCRIÇÃO

Para a minha alma Nuno de Montemór é dos mais «puros» poetas de Portugal. Admiro nestes canticos, ou hinos, a funda comoção que os trespassa, e os seus ritmos sôam-me a modo de vozes de orgão, ou de corais religiosos. Inspiração cristã e sentidissima anima as laudas deste Poema. E o poeta, para exprimir o seu amcr de Deus e da Terra, achou na palpitação do proprio sangue a forma que lhe havia de convir—ao mesmo tempo forte e fluida, de religiosa cadência biblica, e impregnada dos reflexos, aromas e sabores espirituais da Patria. Testemunham estas palavras inuteis a minha admiração e simpatia pelo mistico breviario de um Português, serrano piedôso de alma brava e meiga.

Affonso Lopes Vieira.

A'

DULCISSIMA MEMORIA

DE

MINHA MÃE

MEU AMÔR:

Eu vejo-te sempre como te pintou, na minha alma, o Anjo do meu baptismo.

A' volta da Igreja, eu adormecêra como um passarinho entre espumas brancas de rendas, feitas pelos teus dedos de milagre.

Ajoelhada junto do berço, a tua mão direita servindo-me de travesseira, tu fitavas-me, ansiosa, a pensar no meu destino, e dos teus olhos, como das asas do Espirito Santo, caía sobre a minha fronte uma luz misteriosa que doirava todo o quarto.

A nossa casa estremecia nos ruidos da festa, e só no meu quarto, onde estavamos sós, havia sonho, melancolia e silencio.

Então, para que o ruído do mundo me não acordasse, tu prendêste e guardaste o meu sôno, cantando-me baixinho, de lagrimas nos olhos...

E foi assim, entre as rendas belas das tuas mãos e a graça divina dos teus olhos, que, embalando-me e cantando-me, geraste em mim o meu sonho de Beleza.

Agora, meu Amor, venho eu guardar o teu sôno, e embalar o teu sepulcro na musica dos meus salmos, para vêres como floriram as canções que semeaste á roda do meu berço...

E eu reconheci que não havia melhor coisa que alegrar-se o homem e fazer bem emquanto lhe dura a vida.

ECCLES.

Amôr de Deus e da Terra

(Ao Hipolito Rapôso)

No meio das terras que eu comprara para os meus folgares,
Afrontando a orgulhosa alvura do meu palacio,
Havia uma casa negra, de granito, que fazia o meu tormento.
—*Quando voltarmos*—diziam os meus amigos—*não queremos alem aquela sombra. . .*
—*Até os olhos se magoam naquela nodoa*—exclamavam as mundanas lindas.

O velho que a habitava herdara-a de avós longinquos,
Com umas leiras de terra que os filhos cultivavam.
O meu oiro e as minhas promessas, seduções e violencias

Não me conseguiram aquela casa, encravada no meu campo, como um ferro no coração.

Para a render á sêde, cortei os veios que regavam as suas leiras,
E os meus criados semearam plantas daninhas no seu campo.
Mas o renôvo da sua varzea floria mais viçoso do que o meu;
Eram mais gradas e bastas as espigas do seu pão;
E se nos meus dominios ainda havia fecundidade,
Era a benção dos seus torrões que transbordava para os meus.

A gente do povoado ria, com sarcasmo, da minha ira,
E os meus servos, por vingança, derramaram sangue á volta daquela casa...

Parti, então, do meu palacio, em viagem, para esquecer,
Donde voltei doente, sem crença e sem amor.

E de novo, junto daquele velho suave e forte, meditei assim:
Eu desejei a sua casa, e ela ficou inacessivel ao meu oiro como um imperio.

Eu cubicei a sua filha, e ela ficou inacessivel ao meu desejo como rainha.
Ele nunca apeteceu sequer um fruto dos meus campos,
E eu aborreço a minha riqueza, para saborear, em segredo,
Os frutos que as suas arvores estendem sobre o meu pomar.

As suas janelas nunca se abriam nas noites iluminadas das minhas festas,
E eu enterneço-me a ver brincar os seus netos semi-nús.

Assim, uma nova alma surgiu em mim, á vista daquela casa, que é agora um templo,
Na vizinhança daquele velho, suave e forte, como um apostolo!
Uma noite, fui, quasi de rastos, escutar, ao limiar da sua casa,
Se nela abrigava, o velho, algum odio contra mim.
E ouvi-o murmurar, numa resa alternada, com os filhos:
Senhor, Tu és a minha paciencia. Tu és a minha esperança desde a minha mocidade.

Mas o seu cão de guarda pressentiu-me, ladrando com furor.

—*Pai* - interrompeu um dos filhos—*é o vizinho rico que vem roubar :*
Ele vem, ás noites, beber da nossa fonte e comer dos nossos frutos.
—*Não, meus filhos, esse homem vem apenas usar da nossa misericordia :*
«Dai de comer a quem tem fome, dai de beber a quem tem sêde...»

Emquanto falava, chegara eu ao ultimo degrau negro da escada,
E a luz da candeia, coada, docemente, por uma frincha,
Iluminara a minha fronte, como uma graça vinda do Ceu.

Batí, então, alvoraçado, á porta que se abriu,
E todos os filhos, sentados á lareira, ficaram atonitos de me ver!

—*Levantai-vos*—ordenou o velho—*porque entra Deus em nossa casa!..*
E olhando os meus olhos, cheios de lagrimas, disse com alegria ;
—*Senhor, bemvindo sejais, porque trazeis a Deus comvosco.*

E dando-me o seu banco, continuámos juntos a oração.

Os Apostolos das Coisas

(Canto dos Lavradores)

(Ao Pequito Rebelo)

Nós somos os Apostolos das Coisas, e
quando lhe prégamos o amor,
Elas entendem-nos, porque florescem.
O ar bom que se respira somos nós que o
criamos,
Porque temos o poder de mudar os climas.
E as nuvens do ceu obedecem-nos, como
ovelhas mansas, nos prados.

Nós chamamos ao bom caminho, desvian-
do-os do leito inutil,
Os rios maus e transviados, dirigindo-os
no dever de regar os campos.
Nós damos de beber, a cada folha, um trago
de luz, a cada raiz uma sêde de agua,

E choramos sobre as nossas culpas, se o
verão é sêco e o outono gelado . . .

Nós temperamos os gêlos das madrugadas
nos suores das nossas frontes.
E cada arvore que plantamos, é um ramo
erguido a Deus,
Que, em paga das flores, nos dá os frutos.

E porque assim somos, tudo nos louva e
engrandece.
Os passarinhos vôam, em cruz, a abençoar-
nos a sementeira,
As suas vozes apenas dizem: *«lavrai,
regai, criai. . .»*
E quando, alegremente, poisam na terra e
nos ramos,
E a rêlha do arado faisca ao sol, alu-
miando o rêgo,
Debruçam-se, enternecidos, a ver as deli-
cias que lhe semeamos.

Depois, quando as Coisas do campo nas-
cem e crescem,
Sorrimos-lhes, contentes, como a filhos
no berço.
E se uma seara adoece, sobre as espigas
mortas, por terra,
Vertemos lagrimas, a sofrer, como numa
sepultura.

E para salvarmos as plantas da trovoada,
Quantas vezes damos a vida por elas!...

E o nosso bendito amor pela terra nunca descansa,
Porque as leiras virgens, sem fruto, são terras de perdição,
Onde a luz do céu morre sempre de tristeza.
Como a santa graça de Deus no coração do impio. .
E, por isso, deixamos aos filhos este preceito:
«Cavai a terra, fecundai-a, porque Deus andará triste,
Emquanto no mundo houver uma leira sem fruto.

E somos nós, que, a semear, embelezamos e salvamos a Vida!...

Venham atè nós os sabios e as escolas, os filosofos e os artistas,
Porque somos pobrezinhos e sustentamos o mundo,
Não conhecemos as Letras e temos a Sciencia da Vida,
Não aprendemos a Arte e somos os pintores da Terra!

As nossas mãos são duras e feias, mas são elas que trabalham a luz do sol,
Donde tecem a seda das rosas e o oiro das espigas.
São toscas as nossas falas, mas é, entre nós, que os passarinhos gostam de cantar.
E' bravio o nosso genio, e mudamos o toiro bravo em cordeiro.
E' rude o nosso convivio, e Deus anda a toda a hora conôsco.

Os nossos pés são pesados de abrirem as verêdas
Que levam a semente onde as estradas não chegam;
E estas verêdas brancas dos campos, scintilando ao sol,
São os caminhos dos Apostolos da Natureza.

E estes apostolos, a quem Deus sorri, somos nós,
Que logo de pequeninos, mal erguendo a enxada,
Recebemos a graça e o poder de criar as Coisas.
E pela vida fora, ao começar os trabalhos de cada dia,
Traçamos, da fronte ao peito, a cruz de uma oração.

Para que todas as Coisas nasçam e se
criem,
Em nome do Padre, do Filho e do Espirito
Santo.

E porque assim somos gloriosos e simples,
Bendito seja Deus que nos fez lavradores,
Porque muito nos quere.

A Alegria e o Bem

Os maus nunca teem paz
nem alegria.
Isaias.

(A minha irmã Alzira)

Que a Alegria seja a maior luz do mundo, e o Bem o seu melhor calor.

Que nem a sombra do nosso corpo escureça o caminho de ninguem,

Mas que os homens, ao encontrar-se, sejam como luzes que se juntam,

Criando no mundo outro sol. . .

Que de os homens se aproximarem, em boa familia,

O mundo inteiro se assemelhe a uma lareira,

Em que o sol seja sempre o lume santo e brando,

E a lua derrame, sobre todos, a paz da candeia acêsa.

Que o Bem ande na nossa bôca para o cantarmos, na nossa mão para o semearmos,

E que ele se espalhe até onde fôr a luz dos nossos olhos e a asa do nosso pensamento. . .

Que ele sôe nas nossas vozes, nos labios do vento e nos bicos dos passarinhos,

Para ser a musica suave e constante dos nossos ouvidos.

Que ele penetre as camadas da terra e as raizes dos frutos,

Para que o perfume do Bem se misture ao sabor da nosso mêsa.

Que o Bem se espalhe, emfim, por toda a parte

E que ele se faça a seara imensa nascendo
em terra firme e no már,

Nos pedregulhos dos montes e nas leiras
regadas das varzeas. . .

Porque o Bem é a melhor semente de vida
eterna,

Que, para nascer e dar fruto, todo o lo-
gar é terra bôa,

Se o nosso coração o trabalha e o nosso
amor o aquece !

Que o Bem ganhe todo o mundo e o mun-
do se alegrará !

Ah ! se todos os homens fossem alegres e
bons ! . . .

De manhã, o rosar da aurora far-se-iá do
sorriso dos homens, ao despertar,

E em cada tarde, ao anoitecer, as nuveus
mornas do sol posto

Lhes cobririam o leito, a alumia-los e a
adormecê-los.

O riso felız de tudo o que vive andaria esparso, a vibrar,

Nas aguas e nos bosques, nas solidões das serras e na paz recolhida dos lares.

Todos os homens saberiam, então, cantar, e o seu canto chamaria Deus,

E os ástros, que são os olhos dos justos,

Cada noite baixariam mais, atraídos de tanto Bem.

E Deus diria aos Anjos e aos Santos: «*Vamos meus amigos, para o mundo...*»

E por uma manhã, ao acordar dos homens,

Deus teria atapetado a terra, da sêda azul do firmamento;

A abobada celeste seria o telhado lindo do mundo,

E, então, a Terra seria o Ceu...

Os que eu amo

(Ao Alfredo Viriato Lopes)

Eu amo sempre os desprezados e os esquecidos,

Como a abelha prefere a flôr desconhecida da colmeia;

E' mais puro e abundante o mel das flores ignoradas,

E mais suave a bondade das pessoas que ninguem lembra...

Eu amo os que teem fome, porque, ao dar-lhes do meu pão,

O gesto com que o recebem abençôa o pão das minhas searas.

Eu amo todos os que sofrem, porque a sua virtude é como a das plantas cheirosas,

Que quanto mais as torturam e pisam, mais alto elevam o perfume...

Eu amo todos os vencidos, se a luz da consciencia os guiava no combate,

E respeito os triunfadores, se espalham os loiros no tumulo dos que venceram.

Eu amo os pobrezinhos que sobem, resando, a escada do meu lar,

Porque a sua oração purifica a minha casa, deixando nela a paz dos templos...

Eu amo os que cantam no trabalho, porque a sua alegria é uma força criadora,

E venero os que trabalham, sofrendo, porque nas suas lagrimas corre heroismo,

Amo tambem os que são felizes, se na sua casa sempre aberta,

Se lembram os desventurados que andam, pelo mundo, sem esperança.

Eu amo, emfim, a dor e a alegria quando elas se ajudam, nos homens,

Como se casam a sombra e a luz, para fazerem um quadro de maravilha.

Salmo do sol

(A Augusto Casimiro)

Aleluia!

Louvai o sol que avermelha as polpas das cerejas e as faces das crianças;

Que abre as folhas dos cravos e os labios das mulheres;

Que alaga o infinito ceu de azul e as searas d'oiro;

Que apaga as estrelas no alto e acende diamantes na terra.

Ele entorna claridades nas trevas e derrama sombras na luz;

Defende as ervas do gelo e os homens dos malfeitores;

Reflecte o ceu no lôdo de um charco e o espirito de Deus na face do homem.

Alegrem-se os regatos e as serpentes, as aguias e os vermes,

As rôlas mansas dos amieiros e os chacais ferozes do sertão. . . . .

Louvem-no as crianças batendo as mãos e as aves batendo as asas,

Os ventos espalhando cheiros e as abelhas espargindo mel.

Que os braços das arvores deponham na relva os frutos,

E as uvas do monte encham de vinho as tulipas.

Que as vagens dos pomares e as pedras dos caminhos estoirem de calor.

Que os homens e os insectos, as aves e as folhas

Cantem e bailem no ar luminoso em honra do Sol.

Porque o sol é o mensageiro de Deus,

Aleluia!

Salmo das Estrelas

Ouve, Senhor, a minha suplica, atende a prece do meu peito.

Estende a tua misericordia no firmamento e vê o rebanho triste das estrelas...

Desde o Genesis que as prendeste e as guardas, imóveis, no vácuo da imensidade.

Senhor! O sol é um filho do teu espirito e deixaste-lhe um caminho largo.

As Estrelas são as filhas da tua luz e prendeste as no teu escabelo.

Vê como estão tristes, porque as distancías de nós e lhe mingúas a beleza

Só quando os homens, cansados, fecham os olhos, no fim do dia,

Tu as deixas, trementes, a olhar, saudosamente, a terra...

E os seus olhos palpitam, tristes, nos seios das aguas e nas faces dos cristais.

E não ha onda que aqueça nem cristal que abrande...

Senhor! compadece-te, vê como são pacificas e humildes!

Até a Lua, que é a serva obscura do ceu, as apaga.

Em cada noite as suas pupilas tremem de febre,

E em cada manhã se vêem, exaustas, envelhecer.

O seu corpo é invisivel porque estão vestidas de luto,

E nas noites de geada, as suas pupilas brilham

Como olhos de virgens amortalhadas em vida.

Senhor! Para que assim prendeste as Estrelas do Céu?

E' como se amarrasses ao nada, entre o Ceu e a Terra, as pombas de Sião.

Tem piedade, Senhor, e desarma o rigor do teu braço!...

Tu déste gráça ás Estrelas e as Estrelas não são alegres.

Senhor! Solta as prisioneiras e cria-lhes planetas no firmamento.

Que cada estrela seja livre e escolha, no espaço, a orbita do seu amor;

Que todo o ceu se encha de alegria e fecundidade;

Que as estrelas se tornem fecundas e gerem frutos de luz;

E que, pelos seculos dos seculos, Senhor, infinitas gerações de serės

Cantem, no firmamento, a gloria do teu nome.

Salmo da Lua

Amai a Lua que ergue as ondas no mar
e o seio sobre o coração das noivas.

O Sol é o seu amado, e ela vôa, no ceu,
como uma pomba ferida de amor.

Ela descora de mágua as estrelas e de
saúdade as faces abandonadas.

Apaga, no caminho, as Estrelas que olham
o Sol, e segue-o, enferma, atravez do
ceu.

Amolenta as fauces dos corcodilos e sua-
visa a lingua dos tigres.

Derrama prata nos abismos e um fio de
mel nas lagrimas dos noivos.

As suas tranças tristes, ungidas no oleo do
Sol, desgrenham-se sobre o mundo.

Os seus cabelos inundam a terra, e são cordas que se prendem :

Nas areias e nas gotas das aguas, nos fios das ervas e nos corações das gentes.

E quando os dedos do vento deslizam por elas,

Desprendem-se gemidos de amor que são queixumes da Lua...

Oh! Lua! E's a eterna e casta vagabunda dos ceus!

O sol banha-te em fogo e a tua face não queima.

O teu olhar é brando e doce como o clarão do azeite no templo de Jerusalem.

E's generosa e bôa, porque adoras sem zelos o que o Sol adora:

Quando, á noite, a Sol deixa as criaturas que fecundou,

Tu vens alumiar e acarinhar, docemente, os seus amores.

E não tens odio, não tens ciume, nunca te
cansas.

Pelos seculos dos seculos, seguirás esteril
atraz do Sol, atribulada de amor...

Como és desditosa e como és amada!

Quando passas, até as coisas adoecem,
porque a Lua passa doente.

E's a febre do ceu e enches de febre tudo
o que olhas.

A tua luz é o oleo do sonho que enternece
as criaturas.

Os teus raios brandos são os dedos das
tuas mãos suavissimas.

E quando elas repousam sobre o mundo,
até as montanhas amolecem.

Cada raio teu é um dedo que penetra as
criaturas,

A tanger as cordas invisiveis dos seres,

E todo o ser enfermo de amor foge da
terra, a chorar a sua paixão na tua
paixão!...

Oh! Terra! A Lua é tua irmã, não tenhas
zelos.

Quando Deus e o mundo te colocarem
entre o Sol e a Lua,

Faz-te transparente, para que a Lua veja
sempre o seu Amado...

Saudades da Neve

(*Ao Mário Guerra*)

Ó'Neve! Tu és a Princeza Branca, filha da Serra e do Ceu!

Os lavradôres, quando tu chegas, saem, contentes, dos lares,

A cobrir-se das tuas flores e a revêrem-se na tua alvura...

Aí vem a neve!... Aí vem a neve!... —clamam eles, cheios de amor.

E tomam-te, religiosamente, nas mãos trigueiras, lavam-se na tua pureza!...

Por todo o campo, por vales e serras, nas areias e nas aguas.

Os teus flocos caem como pênas de pombas que se desplumam.

E os pobrezinhos rôtos, sem lume, a quem tapas a casa esburacada,

Vão dizendo baixinho, já esperançados : *"ano de nevão, ano de muito pão...»*

Nas casas ricas, braços alvos de donzelas, prêsas do mau tempo,

Abrem as janelas, de par em par, para te saudarem, alegremente :

«Bemvinda sejas, ó Neve, porque tu adoças o tempo e trazes o Sol! ..»

E as terras e as arvores, as ervas e as pedras, entorpecidas de frio,

Sentem-se vestidas de um veludo branco que as aquece.

E segredam-te: *«Bem hajas, ó Neve, porque tomaste para ti o nosso frio....»*

E tu que és branca e bôa, porque vens do ceu de Deus,

Recolhes em ti o frio das coisas, envolves-lhes as feridas do inverno,

Como uma rainha generosa e deslumbrante que se despisse,

E ficasse núa, para lhes dar todo o calor da sua carne...

E tornas-te, então, fria e gelada, dás-te inteira em sacrificio,

Derramando a tua graça agasalhadora de Princeza por montes e vales,

Até que o Sol, compadecido, te beije e recôlha nos seus braços de oiro...

E chamam-te fria, ó Neve, tu que dás o agasalho e o pão!...

E ha quem te maldiga, tu que ès filha da Serra e do Céu!...

Por dizerem que matas, este ano que sofro, tão doente,

Mandaram-me para terras baixas que te não merecem,

Onde em todo o ano ha laranjas nos pomares e flores nos jardins!...

....

Desde pequenino, ó Neve, foi o primeiro
inverno em que te não vi!

E nunca eu tive assim um inverno desabrido e gelado!

Mas cá de longe, do meu leito frio de
doente,

De olhos cerrados e coração a arder, eu
recordo-te com amor!...

E na minha saudade longinqua de menino
que só este ano te não viu,

Na minha lembrança de orfão, sem o regaço de minha Mãe,
Nesta terra de laranjas e flores, que chamam suave e linda,

A tua alvura faz-me saudades, faz-me
chorar,

E até me lembras o seio branco e doce de
minha Mãe...

Confiteor...

O homem, até quando sente ambições desmedidas, mostra bem que é filho de um Ser Infínito.

Chateaubriand.

(Ao Alberto Monsaraz)

O segredo, Senhor, que venho contar-vos

Não é desabafo que se leve aos pés de um padre,

Nem as palavras com que se exprime caberiam entre os muros de uma Igreja.

Por isso subi a este monte mais alto da mais alta serra,

Para me confessar e, a sós Convosco, abrir o coração.

Vós direis, Senhor, se neste segredo brilha a flor de um orgulho enorme,

Ou a aureola refulgente de uma perfeição maior.

Nem sei, Deus meu e meu Senhor, como poderei conta-lo,

Porque isto ou é uma gloria ou é uma imperfeição.

E' que na minha cabeça, Senhor, despertam e ressôam

Todas as ambições e poderes, todas as iras e milagres de um Deus.

E pouco basta, Senhor, para que eles se manifestem...

Um rio fundo, ameaçador, barra-me a passagem?

Eu lembro o fogo das esferas para o secar num instante.

O mar, bramindo, perturba-me o pensamento?

Eu desejaria sujeita-lo, como se dôma, numa taça, uma porção de agua corrente.

Um homem desconhece-me ou ri, no meu caminho?

Assalta-me o desejo de desencadear, sobre os homens, uma tempestade.

A's vezes, Senhor, medito e escrevo ao pôr do sol,

Mas se a pagina se não conclúi, por faltar a luz,

Amaldiçô-o o sol que não esperou,
Porque a minha ideia era mais bela que a batalha de Josué...

E se um obstaculo da Natureza me exalta, um esquecimento dela amargura-me.

Assim, se tenho uma alegria forte, num dia brusco e abafado,

E o sol e o vento faltam a dar movimento e luz,

E' que a Natureza se desinteressa da minha vida,

E dôo-me, ofendido, do sol e do vento, que não vieram á minha festa.

Nunca, Senhor, chega o dia dos meus anos que a Natureza me não magôe,

Por me não dar uma Primavera de flores, em janeiro...

E ha um dia de abril, dia de negra magua,

Em que não perdôo ás arvores a alegria e a alvura das suas rosas...

E com tal direito, Senhor, me julgo á estima do universo,

Que se a doença me tomba no leito,

Eu estranho que as aves e as chuvas, as multidões e os ventos,

Se não calem, quando passam á minha porta.

Eu quereria a Natureza inteira, silenciosa,

A pensar e a sofrer, angustiada, como a familia que me rodeia...

E' que eu, Senhor, tenho sobre as coisas da Natureza uma ideia nova de redenção...

E mereço que elas me louvem e me obedeçam,

Porque o seu amor é em mim maior que
o amor das gentes.

E a razão deste amor maior vem da humanidade,
Que se arrasta, inconsciente e bruta, como
um rebanho de trabalho cego.

As searas nascem entre mãos que só desejam ceifa-las...
As plantas florescem aos olhos de quem
só lhes espreita e saboreia os frutos...
E eu vejo que é só para mim que elas se
voltam e dizem:

«Nós vivemos porque tu vives...»

E quando lhes arrancam, da terra, a ultima
raiz,
Eu ouço-as ainda gritar: *«Foi só por ti
que fomos belas...»*

E é por este bem-querer que só bemdigo o
amor das coisas simples,
Que vivem, com beleza, á minha volta.

E eu, Senhor, que ambiciôno ser grande
entre as coisas belas e simples,

Nunca sinto aspirações nem cobiças para
as grandezas dos homens,

Por as não ver acima das areias brilhantes
que os meus pés apagam na estrada.

Mas o amor de um rio e a afeição de um
vale,

A paz harmoniosa de um bosque e de uma
serra,

Vivem mais dentro de mim e mais me encantam,

Que o amor grosseiro que me vem dos
homens...

E perdoai, Senhor, se é crime esta preferencia:

Mas, para abrigar dos frios, com arvores,
o corpo daquele monte azul,

Eu varreria a cidade que lhe brilha na
encosta,

Como se limpa de pedras e de vermes uma
terra que se estima e semeia.

E' que a vida dos homens não tem bondade
nem grandeza.

E' um apetite de raça que se compraz no
odio aos outros seres.

Os homens, Senhor, não teem alma para entenderem as criaturas que os cercam.

Eles não sabem amimar uma rosa, nem fazem sorrir uma planta...

Eles não compreendem as noticias que dá o vento,

Nem as linguas doces da Natureza e das Coisas.

O homem é sómente a fera imutavel do universo,

Que, para viver, leva o desprezo e a morte a toda a parte.

E é para que o homem se salve, que todo o mundo se perde!

A ave do ceu e o peixe do abismo, o fruto da varzea e o cordeiro do prado,

Tudo lhe cai aos pés, tudo ele devora ou lhe está sujeito,

Os seres são seus escravos.

A tristeza da paisagem, a melancolia dos rebanhos,

Os gemidos da ventania e os silencios misteriosos da noite,

O que é tudo isto, Senhor, se não a ferida que faz, ás coisas, a mão do homem?

Tudo quanto ha de triste e dolorido, na Natureza,

E' a magua esparsa do mal que o homem lhe causa...

A's vezes, a colera surge, aqui e alem, num ser cansado de servidão:

A arvore que mata o homem que a corta, o furacão que lhe arrasa a morada,

A agua que afoga, o vulcão que queima e ruge,

São sinais de revolta onde ouço chamar por mim...

Uma onda de ternura irradia, então, á minha volta,

E eu sinto que a alma de todos os seres incarnou em mim,

Para que o meu espirito os revele e engrandeça,

Para que os homens, aprendendo as suas linguas, possam falar-lhes,

Para que os homens, sentindo a sua beleza, saibam ama-los...

Senhor!
Se já houve uma Redenção para os homens terem a graça de sentir o Amor,

Porque não ha uma Revelação em que todos os homens recebam a graça de sentir a Beleza?

Ninho morto

(Ao Correia Marques)

Só vós sabieis, Senhor, quanto eu andava
só e como eu vivia triste,
Ao encontra-la de luto, tambem sosinha e
tambem triste!...

Do seu vestido negro, tão negro e dolorido
Como a dôr da nossa vida igual, que era
só noite,
Rompeu, para nós, alegre e bela madru-
gada,
Naquela tarde mansa de outubro, já quasi
ao anoitecer...

O que nós fômos, depois, Senhor, nesta casa branca do ermo, agora negra,

O que nós– crianças doidas!—riamos e galrejavamos,

Tambem só vós o vistes, só vós o soubestes!...

A vossa mão, Senhor—tanta era a luz que precisavamos!—

Até as nuvens varria, não as deixando voar sobre o nosso campo.

Quando chegou abril, a florescer todo o pomar,

E os ramos se dobravam, risonhos, sobre nós,

A falar-nos, segredósos, dos frutos que não tardavam,

Tambem ela, vestida de rosa e branco, como as macieiras,

Inclinava, alegremente, a cabeça no meu ombro...

E os seus olhos doces, olhando e perfumando os meus,

Eram duas flores, presas no meu braço, que era o ramo,

A falar-me na infinita ventura de um filho proximo...

Depois, em maio, veiu a minha partida para longe, para os mares...

E foi num porto do Japão que eu soube do nascimento de uma filha.

Todo o oiro do meu bolso se mudou logo

Numa taça bela de faiança oriental, preciosa e fragil:

A minha primeira prenda, onde os seus labios beberiam,

Ao deixar a curva branca do seio donde nascera.

Como eu sorri, Senhor, de lagrimas nos olhos,

Ao saber que a taça de maravilha a partira, brincando,

Na manhã em que fizera os seus primeiros passos!

Depois, passaram dias, correram mêses, sem uma carta, sem uma noticia...

A minha bôca andava mais amarga que o mar!

Era contra o meu peito que todas as ondas batiam!

E a minha noite de outrora de novo me apareceu,

Começando a fechar-se á volta do meu navio.

Passaram ainda mêses, muitos mêses, e era outubro quando voltei.

Do alto de um monte, ao avistar a minha casa branca,

Eu vi, alucinado, que já passavam nuvens sobre ela...

E as nuvens pareceram-me fumos de incendio, a destrui-la,

As trepadeiras vermelhas, do outôno, eram labaredas saindo das janelas.

Mas, subitamente, a minha dôr transfigurou-me!...

E debalde o velho servo, abraçado aos meus joelhos,

Me dizia, a soluçar, que a mesma doença
as levara a ambas...

Desde então, Senhor, eu suponho-as, encantadas, entre as flores do jardim,

Porque, no granito da escada, não descubro os traços do coveiro...

E é no sonho de imaginar como foi a minha filha,

Que eu relembro e revivo o meu antigo amor...

Nas aguas do jardim, eu escuto os murmurios dos seus galrejos...

Na luz combinada das flores, eu entrevejo a côr das suas faces...

E na aragem perfumada e mansa, aflorando o meu rosto triste,

Esvoaçam os cabelos finos da sua cabecita recostada á minha...

Uma asa de ave, Senhor, ruflando, ligeira, entre as folhas,

E' o ruido do seu bibe claro, correndo, alegre, pelo jardim...

E eu que não a conheci, tão ligada a trago
á minha alma,

Que a sua vida de poucos mêses abrange
toda a minha vida,

Embora a sinta e veja tão pequenina e
fragil,

Que uma açucena branca lhe podia servir
de berço.

E ha no jardim, Senhor, junto á raiz de
uma roseira velha,

Um pedaço daquela taça, quebrada num
brinquedo,

Que é agora, quando brilha, o sol doente
do meu passado.

Mas para que a sua luz venha ao meu en-
contro,

E'-me preciso olha-la do quarto onde nos
amámos,

A' hora da manhã, em que o sol, visto de
lá,

Poisa como um eterno resplendor, sobre a
arvore,

A cuja sombra nos sentavamos, de mãos
dadas, em adoração...

E' nesta hora—sobre o fragmento da taça
bela—

Que o sol quebra, docemente, a sua luz
evocadora,

Reflectindo-a para o meu rosto em lagri-
mas...

E, nos seus raios, eu sinto vir uns dedos
tenros, miudinhos,

A brincarem, consoladores, á roda dos
meus olhos...

E este momento em que aquele estilhaço
luz,

E' o melhor instante da minha vida dolo-
rosa e triste.

Pois ha horas, Senhor, em que o pedaço de
faiança me aparece

Como uma lousa pequenina sobre um pe-
queno sepulcro...

E nas noites sem nuvens, á luz fria das
estrelas,

O seu clarão palpitante é o fogo-fatuo do
meu ninho morto...

Ha mesmo dias, Senhor, depois de noites
negras,

Em que me levanto, exausto, logo ao enclarecer...

E todo o jardim, orvalhado, parece ter levado a noite a chorar...

Sento-me, então, horas, junto da roseira velha,

A olhar o fragmento escuro da taça que se quebrou...

E todo eu me sinto desfigurado por um martirio estranho:

Porque desejo beijar e os meus labios estão ausentes...

Desejo ver e chorar e os meus olhos vôam distantes...

O meu peito, as minhas mãos, a minha alma,

Tudo o que em mim sofre e acaricia andam tão longe,

Que apenas sei terem estado e vivido em mim

Pelas feridas que me deixaram, ao separar-se...

E neste martirio eu demoro horas longas, sem fim,

A resar, enternecido, as contas da minha vida,

A resar, saudosamente, a minha suavissima ternura,

Como as roseiras velhas, que já não dão rosas,

Resam o perfume das flores que lhe cortaram...

O Cantico da Dôr

Não querer consolação de
criatura alguma é sinal
de grande pureza.

Imit.

(A' memoria do Dr. Sergio Calisto)

O' vós todos que sofreis, calai os gemidos
e ouvi-me:

Ha caminhos doces que levam a Deus, tão
doces e tão breves,

Que uma criança de cólo os anda para
entrar no Ceu...

Mas porque sofreis e soluçais, consolai-
vos e exultai tambem,

Porque o melhor caminho, onde as multi-
dões buscam a Deus,

E' a via longa e larga, a via-lactea do so-
frimento.

E ha, na propria dôr, um tal balsamo de
confôrto,

Que até as almas descrentes, antes de
comungar a Deus,

Se consolam, levemente, comungando as
proprias lagrimas...

E tão belo e necessario o sofrimento é,
para o homem,

Que os santos, á falta de penas, por não
terem culpas,

Choram, na lembrança da Cruz, os peca-
dos de todo o mundo...

Assim, as lagrimas não são, para eles, um
remedio que os cure,

Mas luzes a mais, nos seus olhos, para se
guiarem...

Por isso ó vós todos que gemeis, exul-
tai, dizei *aleluia* !

Porque a Dôr é Deus dentro de nós, e porque só ela
Abre, no homem, a porta larga por onde Jesus entra á vontade.

Depois, vós bem sabeis: os melhores, os que mais amam, são os que mais sofrem.

As mães querem mais aos filhos pelas angustias que eles lhes custam.

Até quando são maus elas os amam e estremecem,

Pelas muitas lagrimas que eles, sem piedade, lhes causam.

E se a melhor gente do mundo, onde mais se encontra, é onde mais se sofre,

Que admira que, para o homem encontrar a Deus,

Tenha de busca-lo no caminho duro do sofrimento?

Tão bom o sofrimento é, que até a dôr alheia nos torna bons:

Porque vai a gente a fazer mal, a ferir alguem,

Mas se as lagrimas rebentam na face de quem se vai ferir,

Essas lagrimas saltam para os nossos olhos, como escamas de Damasco,

E cegam-nos, como se fixassemos o sol, o Sol-Maior, o proprio Deus!...

Mal a Dôr entra no peito, o homem é como Saulo, a gritar:

«*Senhor! Senhor! O que quereis de bom que eu faça?!*»

E desde essa hora, o sofrimento recorda o Ceu como a sêde lembra a agua...

E' que o sofrimento—ó vós todos que soluçais na angustia!—

E' a dor do Paraiso perdido, quando Deus se arrancou de nós...

E' a ansia de reaver Deus, como o amputado sofre e deseja

Os membros sadios que um crime lhe cortou...

Pois não vêdes que se no mundo se não chorasse,

Seria uma catastrofe terrivel como se não chovêsse?

Coração sêco onde nunca caiu uma lagrima,

E' como terra onde nunca tombou chuva.
Faces que o pranto, a ferver, nunca sulcou,

São como terra infecunda onde nunca entrou o arado!...

O sofrimento è, assim, o melhor oiro de que se faz a taça,

Por onde o homem bebe a graça forte de Deus —

Graça que nunca falta quando o homem a não repele.

Porque mal sofremos e Deus ouve o nosso grito,

Não espera que o nosso Anjo da Guarda o avise,

Para vir sentar-se, misericordioso, á nossa cabeceira.

E sente-se logo vir do alto, d'alem das estrelas,

O ar de esperança que se bebe, quando se respira com amor...

Começamos, então, a erguer-nos, como se a dor nos criasse asas...

Porque o homem não encontra o Ceu, andando em plano facil, horisontal,

Mas elevando-se, purificado, nas asas brancas das grandes penas,

E para subir, é preciso que o barro do homem se faça mais leve,

Que o ceu azul da atmosfera por onde ascende.

Mas porque só o sofrimento torna o homem leve e puro,

O' vós todos que sofreis, dobrai os joelhos e resai...

Porque resar é a melhor maneira de ganhar forças para subir:

Assim como a ave encolhe as pernas para se elevar no ceu,

Assim os joelhos do homem se dobram, se humilham,

Para que a sua alma vôe, direita, como a seta, ás mãos de Deus!...

Mas nós somos os melhores e Deus faz-nos sofrer!—

Direis muitos de vós, desesperados, em tentação...

Sim, os melhores, os mais perfeitos são os que mais amam,

Porque os que mais amam são os mais delicados, os mais sensiveis,

E os mais delicados são os que a rudeza do mundo mais fere,

Fazendo neles maiores feridas, produzindo neles maiores dores!

Mas ó vós todos que bradais, em tentação, regosijai-vos:

Porque se sois os melhores, os que mais sofreis,

Sois, ao mesmo tempo, aqueles a quem Deus mais quere.

E é assim que o amor de Deus e o sofrimento se aliançam,

Para fazerem a perfeição de um santo ou de um eleito...

Mas custa tanto a sofrer—gemereis ainda —*a natureza é tão cruel!...*

E todavia—respondo eu—perguntai ao homem se ele ama a Natureza.

Ele dirá que sim, que a adora na sua noiva e nos seus filhos,

Nos seus bens e nos seus frutos, nas suas joias e nas suas terras.

Ele achará o mundo tão bom que, para o gosar, até ao ceu, por vezes, renuncia...

E Deus não podia tirar da terra o sofrimento ?—insistireis.

Mas é como se dissesseis : *Senhor ! o sol é bom,*

Mas devia ser brando e doce como a luz do azeite.

Imaginai se um sol tepido, que não queimasse,

Podia fazer a vida e todas as maravilhas da Criação ? !

E' ainda como se o homem exclamasse ; *Senhor, o mar é belo e fertil,*

Mas para que o fazeis salgado, tormentoso e fundo ?

Não ha nada de grande no mundo que não lute e sofra,

Porque o sofrimento é a grande lei da Natureza,

E tão arreigado, tão intenso, tão proprio da Vida é,

Que Deus-Pai não modificou a Lei, para que Jesus sofresse menos...

Sofre tudo o que está na terra, até Deus quando veio ao mundo...

E todavia—exclamareis em desalento—*ha horas de morte*

Em que a dôr nos exgota até á ultima gôta de sangue!...

Mas se, então, levardes os dedos puros ás chagas de Cristo,

Dar-se-ha o milagre consolador da transfusão,

Novo sangue e nova vida virão de melhor fonte...

E os inimigos, os mil inimigos que a toda a hora nos cercam?

Os inimigos, se vós quizerdes, serão os vossos melhores amigos,

Serão os artistas da vossa grande perfeição moral,

Porque se vos batem, sem misericordia e sem descanço,

São como o cinzel que morde a pedra, para fazer a estatua.

Por isso, ó vós todos que gemeis e soluçais, bemdizei o sacrificio,

Porque amar a nossa dôr é amar a Deus dentro de nós...

Senão vêde como sorriem os que se aperfeiçôam nas dôres :

Ha gente que, ao recebê-las, na sua carne e no seu espirito,

Ergue, piedosamente, as mãos ao ceu, agradecendo a Deus,

Como se, das mãos dos Anjos, lhe tivesse caido um ramo de flores...

Ouvi o que dizem, saudosamente, as familias crentes,

Quando, enternecidas, falam de Deus e dos seus mortos.

E' como se, em pleno deserto, se reunissem irmãos,

A falar dos pais e do lar onde, um dia, se tornarão a vêr...

Escutai como chora a mãe piedosa quando lhe morre o filho pequenino.

Essa morte é o vôo de um passarinho que foi poisar na arvore do Paraiso;

E emquanto a mãe chora, na terra, o filho, que é já Anjo,

Canta, no ceu, para lhe dulcificar as lagrimas e as dôres.

E é da união sublime deste canto e deste chôro,

Que se faz, nas almas, aquela saudade suavissima,

Que neste mundo tão amargo se chama a *esperança cristã*...

Vêde, pois, ó vós todos que sofreis, como é bela a dôr,

E recebei-a, comungai-a, com uma força divina!

Porque se a não amais e uma dôr tremenda vos assalta,

E' como se o destino metesse, no mar bravo, em pequeno barco,

Um homem ignorante que nada soubesse
das ondas.

Mas se a amais e compreendeis, vós caminhareis seguros, na vida,

Como Jesus andava, a pé firme, direito, em
pleno mar...

Amai, pois, a Deus na dôr, ó vós todos que
gemeis e soluçais,

E lembrai-vos de que amá-lo hoje, para
o deixar amanhã,

E' provar a graça por taça de vidro fragil
e quebradiço,

Mas ama-lo, na alegria triunfante de sofrer,

E' beber a graça, em pleno Ceu, por taça
de oiro...

No Calvario da Vida

(A' memoria de Antonio Sardinha)

No meio de mil agonias, a Scienia disse á beira da minha cama:

Caíram sobre a tua carne as culpas da tua geração!

No teu espirito ficou a herança dos mil pecados dos teus Avós!

Em ti se reuniram as angustias de todos os que foram do teu sangue!...

Quando saiu o medico, eu perguntei a Deus:

—Senhor! Que mal fiz para que sobre mim, viessem todas as culpas dos meus?!

Como num eco consolador, Jesus respondeu-me:

—*E que mal fiz Eu, meu filho, para que, sobre Mim, viessem todas as culpas da Humanidade?*

Senti, então, que as mãos chagadas de Cristo poisavam, docemente, sobre a minha fronte,

Emquanto me dizia, suavemente:

—...*Tu tombaste da tua mocidade a sofrer sobre um leito macio,*

E eu tombei do Ceu sobre uma cruz de espinhos...

—*Senhor*—clamei ainda—*o Vosso martirio redimiu... mas de que serve o meu?*

As mãos de Jesus estavam, então, carinhosamente, sobre o meu peito em brasa...

—*Todo o sofrimento é redenção, meu filho* —continuou Jesus—

Eu amei a Humanidade, e, por isso, os que me amam se salvam pela minha dór,

Os do teu sangue, que tanto amaste, deixaram-te as suas culpas,

Para que o teu sofrimento, oferecido a Deus, os redima.

Os que sofrem de olhos em mim são os que me seguem,

Os que me continuam, os meus apostolos, os meus irmãos.

....

Senti, então, que um remedio divino me envolvia inteiro,

Derramando, sobre mim, todos os balsamos do Paraíso...

E a minha bôca martirisada, caindo no peito de Jesus, murmurou:

—Meu Deus! Como é bom sofrer pelos que se amam...

E que graças Vos dou por ter sido eu o escolhido!...

Sempre viva

Só a vi doente, não a vi morrer,

E quando alguem me trouxe a noticia da sua morte,

Caiu, sobre mim, a nêgra sina do Hebreu Errante,

Que vagueia pelo mundo, sem tregua e sem destino!...

Corri o mundo todo, minha Mãe, a gemer saudades e a gritar martirios...

E—milagre de amor ou loucura do meu peito!—

Quanto mais duramente sôfro, mais perto te sinto,

Porque Deus Piedoso te manda a consolar-me...

Já lá vão anos, minha Mãe, tantos anos,
tantos!...

E ainda hoje não vou á casa onde morrêste...

Porque se fôsse e não te encontrasse, era
sinal de que estavas morta...

E se dela me afasto, és tu, meu amor, que
vendo-me sofrer, vens ter comigo...

E porque voltas e porque vens, embora
te não veja,

Eu tenho a fortuna vaga de sentir que
sempre vives...

O meu Presepio

Minha Mãesinha que estás no ceu, diz a Deus que te deixe vir!...

Este ano é de um quarto de hospital que eu te chamo e reso!

E' vespera de Natal, dia de festa, a tarde santa de consoada...

Da minha cama fria de doente, vejo lá fóra todo o ceu enevoado.

Este nevoeiro é, para mim, o vasto fumo do mundo,

Que está subindo, festivo, de todas as lareiras em consoada...

E ha, nas ruas, um vento forte e alegre, que fustiga a gente,

E uma chuva fina e doce que obriga a recolher aos lares...

Anoiteceu. As ruas, as estradas, todos os caminhos do mundo
Estão agora desertos, gelados, batidos da ventania e da chuva...
Astros não ha, porque as estrelas que fulgem, na consoada,
São os olhos da familia e as brasas da lareira.

E o fumo continua a subir, como incenso, de todas as telhas,
Ha calor e risos em todos os lares, rosas e alegrias em todas as faces.

Só neste quarto de hospital, Mãesinha, não ha brasas, nem familia, nem lareira...

Mãesinha! Diz a Deus que, por um instante, te deixe vir...
Vem agasalhar-me no arminho suave das tuas mãos celestes,
Vem ligar-me as feridas no linho brando e branco do meu berço...

E' que as dôres são tantas, Mãesinha, tão vivas e tão velhas!...

Elas conhecem-me e perseguem-me desde que me embalaste,

E nesta noite, que devia ser só de paz e doçura,

Estão aqui todas, ameaçadoras, a rugir, a rodear-me o leito.

Elas são as feras de guéla rubra que fazem o presepio do meu Natal!...

Minha Mãesinha, que estás no ceu, diz a Deus que te deixe vir!...

....

Ensina-me, de novo, o melhor geito de pôr as mãos em prece,

Fazendo-as pequeninas, como quando me ajoelhavas no berço,

Para que a benção de Jesus venha sobre o leito do teu filhinho!

E estas dores, estas feras ameaçadoras, tornar-se-hão mansas e meigas,

Como os animais de Jesus no Presepio de Belem...

Hospital de Coimbra, natal de 1920.

As criancinhas pobres

(Ao Antonio Prazeres)

Bemditas sejam as criancinhas pobres!
Que todas as mãos se estendam para as abençoar!
Que as suas cabecinhas tristes, desamparadas,
Encontrem, a toda a hora, um peito brando onde repousar,
E, nesse peito, um coração vivo para as embalar.

Que as mãos cansadas dos que teem filhos, busquem repouso em trabalhar por elas,
Porque estas criancinhas são os filhos dilectos de Deus.
E Deus muda, em ventura e repouso, todo o trabalho por estes pequeninos.

Que nos nossos olhos lhes guardêmos a melhor luz,

Na nossa bôca o melhor beijo, no nosso regaço o melhor calor.

E que os nossos braços se tornem mais doces,

E os nossos peitos mais largos, quando os abraçarmos.

Para que os nossos filhos, ansiosos desta caricia nova, corram para nós.

E nós os reunamos, os abracemos, com tal ansia, com tal amor,

Que eles enraizem e prendam no nosso coração, como rosas da mesma haste...

Que esta haste seja o tronco de uma familia melhor,

E estas rosas o ramo heraldico de uma futura nobreza...

Porque os seus labios andam doridos, de comerem o pão aspero das esmolas,

Não lhe atiremos o pão duro que sóbra das nossas mesas.

Mas dêmos-lhes o melhor pão, como ao semeador se dá a melhor semente.

Porque as mãos núas destes pobrezinhos
vêem do ceu, ricas de bençãos,

E a benção é luz de graça, é como o sol
milagrôso,

Que, por um punhado de grãos, restituí
um campo de trigo...

Que, para elas, todas as mães tenham, no
lar, um berço mais largo,

Para que, ao lado do filhinho ditôso, possam deitar uma criança sem mãe.

E que as mães os beijem, embalem e criem
juntos,

Dando-lhe do mesmo canto, do mesmo
amor, do mesmo leite...

E que os seus labios, tenros e felizes, depois de chamarem *Mãe*...

Aprendam logo a dizer *Irmão*...

E' por elas que as nossas almas se glorificam,

E as nossas frontes se elevam para além
do sol.

Porque os seres mais altos são as estrelas
do ceu e estes pequeninos da terra,

E sem darmos as mãos a estes pequeninos,
nunca podemos subir aos astros...

A graça do sofrimento

(A' Senhora D. Clotilde Mateus)

A' hora de morrer, a Mãe dissera-lhe, docemente, para a consolar,

Entrelaçando-lhe os dedos, já frios, nos cabelos loiros;

... *Depois, filhinha, daqui a alguns anos, estaremos, os três, no Paraíso...*

Ela era, então, pequenina, e o pai, que era môço e sabio,

Desprezou a sciencia e dissipou, em mil loucuras, os bens, para esquecer...

Poucos anos idos, do lar, ficára apenas o oratorio rico,

E o pai que era um desesperado, a debater-se entre mil vicios...

E como tanta miseria lhe fazia dôr, a pequenina dobrou, no oratorio, os joêlhos,

E resou : *Meu Deus, guiai os negocios de meu pai e tornai-o rico...*

E como Deus a ouvisse, de novo a casa se encheu de amigos e mulheres belas...

....

No seu quarto de criança onde, á noite, a escondiam entre cortinas brancas,

Ela ouvia os risos e as blasfemias das orgias, e pensava, já sem esperança,

Naquele dia abençoado em que os três se juntariam no Paraizo...

O que falta a meu pai, Senhor, para que ele Vos reconheça ? ! ...—resava ela—

Não tem a Gloria, a Sciencia, a Riqueza e a Saude ?

E a sua cabecita adormecia, ás noites, inundada de pranto...

Mas o pai caiu doente, as dôres eram mortais, os medicos já não receitavam...

Senhor! Senhor! agora é que ele Vos reconhece, se Vós o curais!...—

Resou contente, alvoraçada, na alegria de um milagre certo.

E como Deus o curasse, o pai recomeçou logo aquela vida louca,

Onde Satan vertia o filtro embriagante das sete culpas mortais!

O corpo tenro da pequenina amareleceu, então, no sal das lagrimas,

Como uma planta nova, antes de dar a flôr!

Agora, as suas mãos magrinhas, quando se abraçavam aos pès da Virgem,

Eram duas rosas torcidas de sêde no alto de duas hastes murchas, miudinhas...

E como a flôr que pende até ao chão, lançando a ultima onda de perfume,

Ela tombou aos pés do oratorio, resando, ainda, num murmurio:

Senhor! eu não torno a pedir... Vós é que sabeis...

Mas se sofrendo eu, ele pudesse reconhecer-Vos!...

E durante meses, o pai, sentado á sua cabeceira, teve-a entre a vida e a morte,

Ferida, terrivelmente, por Deus, como se aquele Anjo fôsse um demonio...

Uma noite abriu os olhos, e vendo o pai no oratorio, a soluçar,

Pediu baixinho : *Senhor! fazei que eu sofra muito!... Fazei que eu sofra mais!...*

....

E quando, passado um ano, a pequenina se ergueu do leito,

Pai e filha ajoelhavam, juntos, a ouvir aquela que os chamava do Ceu...

Magnolia

No meio dos que vieram consolar-me, o
seu pequenino busto branco, desconhecido,

Era uma magnolia torcida de sêde, a fechar as folhas tristes...

E porque no chapeu em flor, que quasi
lhe envolvia o busto,

Corriam, docemente, uns longos pistilos
de oiro,

Eu senti-a como uma flor silenciosa, a
perfumar a minha Dôr,

Emquanto as palavras frias dos outros
corriam, por gentilêsa...

Eu falei da Vida, desta sêde do infinito
que nada apaga !...

E como se a minha Dôr fôsse a rocha donde brota a agua pura,

O rosto virginal dos seus dez anos, onde scismavam uns olhos sonhadôres,

Começou a erguer-se, a reverdecer, e, cada minuto, o perfume era maior...

....

E' sempre assim, sempre triste, nada a contenta e distrai...—disseram.

E contaram as suas melancolias, a sua emotividade de passarinho salitario.

Eu afirmei-lhe, num sorriso magoado, que a gente era sempre dura e má,

Mas que havia as coisas que, bem amadas, nunca nos deixam ou aborrecem...

E, para companhia, ofereci-lhe um vaso de flores, uma planta verde,

Que nas primaveras ela faria reverdecer, em minha memoria...

Oh! não! podia secar-me, morrer!... —acudiu, logo, em voz tremula.

Daqueles dez anos virginais, eu vi que só podia brotar

Aquela flor amarga que é a sêde eterna de viver a Vida. .

E, então, como se eu fôra um profeta de labios frios, disse-lhe :

«Não esperes saciar jámais essa sêde eterna que os anos aumentarão,

Porque a felicidade, para as almas como a tua,

Não é uma realidade que nasce, como julgamos, dentro dos outros,

E' sómente a ilusão que, ás vezes, nasce, viva, dentro da gente...

«Aquilo que, momentaneamente, nos dá ventura,

E' uma delicia breve e perfumada da nossa fantasia.

Mesmo os melhores, *aqueles a quem amamos*,

São apenas as *taças frias* por onde bebemos a delicia que vem só de nós,

E a Felicidade, a mentira doirada da Felicidade,

Está na ilusão de supormos que a delicia nasce nas *taças*,

Quando a verdade é de nós que ela, rialmente, brota...»

....

Um vento gelado, de inverno, cristalisava as minhas palavras...

Como um pequenino arbusto que um vento sacudisse,

Dos seus olhos humidos, scismadores, caíram lagrimas,

Botões alvos e rosados de uma pequenina macieira em flor,

Que o gêlo de uma hora torcesse, sem piedade.

Ao mesmo tempo, a minha voz calou-se, como se a morte se aproximasse...

Sobre o meu peito, as minhas mãos caíram em cruz...

E ao ver-me, assim, silencioso, amortalhado,

Eu senti o desejo de que, entre as minhas mãos de cera,

Ela fosse a Flor Branca do meu caixão,

Para a levar, contente, sobre o meu peito...

Amôres, amôres . . .

(Ao Heitor Passos)

Como todo o homem eu quís uma mulher,
e, para a ter, percorri o mundo. . .

A minha primeira amada era fidalga e
môça,

E vivia num castelo cercado de agua pura.
O rio que ali passava, á beira daquela
serra, envolvia-a de purêza;

As aguas, a cada onda, lhe ofereciam ren-
das,

Havia rosas simples, perfumando as oli-
veiras doces,

E o seu castelo era um berço brando e
branco onde se embalava a Inocencia.

Eu só ia beija-la nas madrugadas de cla-
ro azul e nas noites de luar cheio...

E nos seus olhos havia lialdade e luz para me julgar no ceu...

....

Na manhã em que ela quis, por esposo um velho conde,

O carro que a levou tombou-me na estrada,

E um bando de ciganos ergueu-me da poeira,

Levando-me, pelo mundo, á busca de outro amor...

....

E eu que, da fidalga, já nem a côr dos olhos lembro,

Amo, desde então, as oliveiras e as rosas, as espumas das ondas e a claridade das manhãs...

*
* *

No bando dos boemios havia uma cigana bela,

De olhos garços, como cinzas, escondendo lume,

E labios tremulos, côr de brasa, a gritar prazer.

Os seus beijos mordiam-me como abelhas
de asas veludineas, escorrendo mel,

E assim esqueci o meu primeiro e suave
amor,

Casando-me com ela ao som de ritos bar-
baros...

Fui o poeta do bando, tornei-me o seu can-
tor!

O nosso lar era a montanha e o vale, a
nossa lampada uma fogueira.

Por leito, eu deitava a minha capa á beira
dos caminhos,

E o seu vermelho chale cobria-nos, como
asa de chama, aberta sobre nós.

E quando, ao acordamos, o sol floria o
orvalho do campo,

Parecia terem caído estrelas sobre a nos-
sa cama.

Mas um dia, na cidade, a Justiça prendeu
a boemia linda,

Cortando-lhe a cabeça por crimes já anti-
gos,

E eu voltei a viver aquela vida errante,
sosinho, sem ninguem,

Amaldiçoando as mulheres e os seus amores...

Fiquei, porem, amando aquela vida simples, desejando uma noiva de vida clara,

Que tivesse a castidade das rolas e a alegria pura das manhãs,

E que a sua alma me désse os segredos do silencio campestre, ao anoitecer...

*
* *

Mas o demonio da Vangloria veio até mim, ao meu deserto,

Com papel e tinta, a tentar-me para a Gloria.

E escrevi a musica de uma opera onde cantava um Anjo,

Que viera do Ceu á terra, a ensinar o amor.

E os teatros do mundo enchiam-me de palmas, as mulheres belas beijavam-me na fronte...

Mas a cantôra, que era o Anjo do Poema,

Tão bem encarnou a vida do meu sonho,

Que eu julguei a minha musica a alma do seu corpo...

E, de novo, sucumbi caindo no Amor!

E á medida que mais a amava e mais a queria virtuosa,

Os homens aborreciam a minha musica e a minha amante andava triste...

E eu reconheci que a minha Gloria era Vangloria.

Que os olhos da cantôra eram o valor do meu poema.

Que as linhas do seu corpo eram a melodia dos meus versos.

E que a artista amava mais as joias dos amantes que a luz da minha obra...

E, rasgando o meu poema, renunciei á gloria vã,

E vagueei sem norte, pelo mundo, ao sabor do vento...

*
* *

Fui dar, depois, á porta de um convento, para me fazer monge...

Mas o convento era de freiras, e fizeram-me hortelão.

E um dia que a abadessa, já velha e quasi
cega,

Se sentara no jardim, para ouvir a minha
vida,

Da boca nêgra de uma cela, uma monja
linda e branca

Debruçara a cabeça de açucena, pendida,
a escutar.

E quando, entre lagrimas, acabei a minha
tragedia e a abadessa retirou,

A monja linda soluçava, desfolhando, so-
bre mim, as rosas do seu oratorio,

E como junto ao muro havia uma oliveira,
Que erguia os ramos até á sua cela,

Logo nessa noite e nas que depois vieram,
subi á oliveira,
Para lhe falar no culto de uma religião
maior.

Disse-lhe, então, que as resas do convento
se confundiam

Nas orações profundas do pinheiral vizi-
nho,

E que o côro de Deus não estava na sua
capela,

Mas disperso por todo o mundo, nos labios religiosos das coisas ..

Que, no ceu, tanto se ouviam as campainhas dos rebanhos, soando pelas relvas,

Como os sinos de bronze, reboando das torres para as nuvens.

Que no mundo era tudo oração e culto.

O vento cantava uma ladainha que passava, recolhendo graças para Deus.

E cada ramo, e cada fio de erva, e cada pedra que tocava,

Dizia um louvor que se repetia, em murmurios, de ser em ser...

E todas as noites—que eram sempre de lua clara,

Porque a sua face branca era mais clara que a branca lua—

Se debruçava a linda monja a escutar-me.

As folhas das suas Horas voavam, em pedaços, pelos caminhos,

O seu oratorio era todo o campo que percorria com os olhos,

Misturando as suas preces ás orações das coisas,

Olhando, piedosamente, as nuvens brancas que subiam,

Como se elas fôssem o incenso das infinitas orações.

E eu julguei ter encontrado, emfim, o Anjo do meu Poema...

Um dia, ao romper da aurora, tão ardente foi o meu verbo,

Que a monja, numa voz tremente, me perguntou

Pelo melhor logar onde se amava Deus.

E eu, ardoroso, eloquente como Satan, respondi:

«O templo, para uma flor, resar é o torrão onde ela vive.

Para uma ave é todo o ceu onde ela vôa,

Para a mulher um coração que bem a adore».

E tão alto clamei a impiedade, que as monjas do convento a ouviram,

E a voz da abadessa, que acordara, gritou: *malditos!*...

E debalde a oliveira ofereceu, á monja, os ramos para descer.. .

Em vão lhe estendi os braços para voarmos...

A linda freira perguntou-me, ansiosa, a tremer,

O que lhe faria Deus, o que diria o mundo....

E eu deixei a monja branca, sem pecado e sem virtude,

Entre as maldições das freiras que me chamavam Satanaz...

Lembrei-me, então, de voltar ás minhas terras.

E agora que vou morrendo nos campos de meus avòs,

Eu tenho perguntado e meditado
Se as mulheres que se adoram são criatuturas que se encontram,

Ou figuras de sonho que vêem ter connosco.

Se a sêde do amor é, neste mundo de vida dura,

Como a sêde do deserto criando a fonte que não existe?

Ou será a sêde de procurar, numa mulher,

As belezas com que a alma de um poeta
enamora o seu proprio coração ?

Porque a minha alma esqueceu a fidalga
e a boemia, a cantôra e a monja,

Mas amo ainda os logares em que as amei
e a vida maravilhosa que me recordam.

Da fidalga, já nem sei a côr dos seus olhares,

Mas vejo ainda a côr do ceu, nas horas em
que a esperava...

E as suas rosas, as suas oliveiras, o seu
castelo, as aguas que lho cercavam,

Vêem ter comigo nas horas de lua doce..

....

Da cigana, já nem lembro a negrura dos
seus crimes,

Mas se uma nuvem vermelha, do poente,
agasalha o sol,

O chale da boemia transfigura-se,

E a nuvem fala-me de um amor purissimo,
ardendo alto...

....

Tambem, de quando em quando, me vem aos ouvidos o poema que rasguei:

São todas as seivas da Primavera, a cantar-mo, devagarinho...

....

E é tambem a oliveira do convento, queimada por meu amor,

Que me traz o oleo belo com que, ás noites, alumio o coração.

....

E o meu sonho de amor revive, á medida que a idade avança...

Mesmo agora, já velho e branco, perco-me num vale e embrenho-me na serra,

E se lá encontro uma rosa que ninguem viu e ninguem plantou,

Trago-a para casa, sobre o coração.

Dou-lhe o melhor vaso e dou-lhe a melhor agua,

E emquanto vive e me perfuma o quarto,

Ela fala-me da mulher que nunca veio...

Alma penada...

Foi em maio, sentados numa pedra de granito, á sombra de uma cerejeira alta,

Que, como dois crentes, fizemos uma *promessa* de fidelidade eterna.

E tu sabes, meu amor: os meus labios ficaram sempre mais distantes dos teus,

Que as cerejas vermêlhas da arvore que nos dava sombra...

Depois, passaram anos, e, ao dizerem-me que faltaras á *promessa*,

Eu corri, loucamente, á Igreja, para ver o teu noivado...

Mas, por bem que os meus olhos vissem, nunca o coração o acreditou.

5

O homem de nêgro que, pelo braço, te levava, era a morte que te conduzia;
As amigas que, de branco, te seguiam, eram companheiras do funeral;
E se tu sorrias, contente e luminosa, era de teres morrido,
Para mais depressa ires ao encontro santo de Deus...

Julguei, assim, que tu morrêras e levei anos tristes a resar por ti...

De quando em quando, vinham dizer-me que tu vivias e folgavas,
Que andavas pelo mundo, a vaguear, feliz e sorridente...
Mas quando, ha mêses, te vi, ao longe, num carro de oiro, entre poeiras,
Acreditei, piedôso, que eras das *almas penadas* e doloridas,
Que Deus traz fóra do Ceu por não cumprirem os seus votos...

E, para que socegues, eu venho, ás tardes, junto da cerejeira velha,
Redobrar de fidelidade, cumprir por ti e por mim, a promessa antiga,
Para que Deus te perdôe e te recôlha...

Depois da tempestade...

(Ao Nicolau Alberto Ferreira d'Almeida)

A minha alma era a andorinha que deixara partir o bando,
E ficara sósinha, a voar, entre nuvens de um perpetuo inverno....

Eram mais belas as neves desfolhadas, caídas do meu ceu,
Que as flores enganadoras das primaveras distantes...
Agasalhava melhor a manta nêgra de uma trovoada,
Que a maciêsa branca e veludinea de um ninho acariciante;
E a chuva e o vento lavavam as minhas asas,
Libertando-as da poeira, erguida por meus vôos,

Ao percorrer os mil caminhos do desengano...

Nos dias claros, eu buscava uma nuvem onde refugiar-me,

Ou o cume de um pincaro nevado e siliciôso,

Se o rumor das festas queria vir ao meu encontro.

No silencio da noite, a minha alma pairava

Sobre palacios e casais, sobre aldeias e cidades, sobre cabanas e castelos.

E eu via, em cada habitação humana, uma lasca de agasalho,

Onde vermes descontentes dormiam sem amor...

Assim era o meu viver, a minha crença, o meu sentir,

Quando a ouvi cantando no jardim da sua casa,

Alegre como uma ave que, tendo concluido o ninho,

Repousasse, no seu bôrdo, a cantar o seu noivado...

—*Donde vem, mulher, a alegria pura do teu canto ?*—interroguei.

—*Eu não canto*—respondeu—*eu chamo Áquele que ha-de vir...*

Fez-se um silencio em que os nossos olhos, surprêsos, se reconheceram.
As rosas do seu jardim sorriam a dar-me as Bôas-Vindas,
Festejavam-me as suas plantas, envolvendo-me de perfumes,
E um laço misterioso, feito da luz dos nossos olhos,
Prendeu, confiadamente, as nossas mãos trementes ..

—*Porque tardáste e por onde andáste, meu amor, que tão ferido vens ?*—perguntou.

Na sua voz havia o carinho e a doçura milagrosa,
Da mãe feliz, consoladora, que sára, num beijo,
A ferida breve e ligeira de um filho pequenino...

Algumas lagrimas, fugindo-me dos olhos,
perderam-se nos seus cabelos,
E as aves do jardim, ansiosas por saudar-
nos,
Vieram cantar acima das nossas frontes
unidas.

....

Desde então, meu amor, eu ressurgi e
revivi.
E porque foi das gerações humanas que tu
assim nasceste,
Eu já não maldigo os homens e as mulhe-
res donde vieste,
Porque em ti os homens e as mulheres se
redimiram...

E quando hoje pergunto porque assim te
quero e em ti creio,
Depois de tantos horrôres, negruras e tor-
mentas,
Lembro-me de que o Ceu é belo e dá fè,
Por se erguer tão puro sobre um vale de
lagrimas...

E o que tens sido tu, meu amor, na minha
vida,
Senão o Ceu aberto sobre o Vale de La-
grimas do meu Passado ?

A outra...

Naquele poente rubro, com o mar em brasa,

Ao som das ondas batendo nos rochedos cavos,

Tu pousaste a mão aflicta na minha fronte, e perguntaste:

—*Em que pensas, meu amor?... Tu vês a* outra*!. . Ela está contigo?!*

E, angustiada, fixaste-me fundo, nas pupilas!...

A procurar a *outra,* olháste em roda o ceu e o mar...

Tremias toda, agitada e fria, como uma onda em tempestade...

Brandamente, tomei nas minhas mãos os
teus dedos leves,

Que estremeciam como pênas de uma ave
agonisante :

*— Não, meu amor, eu pensava no mar da
Vida, que é o combate e a luta ..*

*E lembrava o campo de guerra donde me
erguêste, ferido em pleno peito...*

A outra, *meu amor, foi apenas a guerra,
a bala, o estilhaço,*

*Onde, como num seixo, luziu, á superficie,
a minha paixão...*

*Quando chegaste, a ferida abriu-se, e os
teus dedos suavissimos*

*Tiraram a bala que nada me déra nem
recebêra...*

*—Mas vês?... Tu lembra-la?... Apesar
de tudo, recorda-la em muitas horas?*

*—Não, meu amor, eu recordo apenas o
combate com o inimigo,*

*Onde caem os que mais se expõem e me-
lhor se dão,*

*Mas não a relembro como quem pensa
numa morta querida...*

—*Todavia*—disseste ainda, pousando um dedo tremulo na minha fronte—
Ha aqui uma ruga funda que lembra o golpe que te fêz a Outra?...

Sorri, então, ao teu ciume, e tu sorriste, quando eu te disse:
—*Mas essa ruga é o golpe salvador da tua mão angelica;*
E' a linha da cicatriz que a tua mão abriu, para tirar a Outra;
E', simplesmente, o fio candido de uma lembrança tua...

Narcisa

Mãe e filha, sentadas no mesmo banco, tinham os pés na relva, á flor do lago!

No olhar da mãe, havia a caricia iluminada do conselho certo;

No rosto da filha, a convulsão cruel de uma afogada...

....

—Mas como foi isso, filha?!... Tu ama-lo, de toda a alma,

Sem que uma palavra de amôr entre vós se ouvisse?!

Nos labios palidos da filha, mal se ouviu um *sim* angustiado.

—... Mas ele sabe-o e não se importa?!... Tu definhas e ele não sofre?!...

—Mãe! Se este amor é só meu, é justo que esse homem sôfra?

—Esse homem! Não, filha, o que tu amas não é um homem...

Tu amas a exaltação do teu sonho e a melodia da tua alma!

Ele è o violino frio, adormecido, na madeira inerte,

E se tem harmonias é nas tuas mãos, quando lhas dás...

—Mas eu ouço-o, Mãe, eu sinto-o a vibrar dentro de mim!...

—Engano, filha... A harmonia que ressôa nesse homem,

E' a musica que se desprende das cordas divinas dos teus nervos...

Para que te agradasse, tu afináste-lhe os dedos, pelos teus dedos,

O seu peito de bronze pelo teu seio de ave...

Foi como se afinasses um instrumento de metal duro,

Pelas cordas vivas desta harpa que é o teu peito...

Julgaste criar amor e fizeste apenas um poema;
Pensando criar a musica da tua vida, fixaste apenas a primeira pagina...
E, no amor, como na arte, minha querida filha,
A primeira pagina que se escreve é a que se não guarda nem publíca...

—Mas se tu soubesses, Mãe, como ele é belo e como eu me revêjo nele!...

A voz materna fez-se mais calma e carinhosa ainda:
—Mas esse homem é um espêlho, e quando o olhas é a tua perfeição que vês...

E, dando á voz uma entoação dolorida e funda,
Para lhe tirar o sabôr de um gracejo, continuou:
—... Tu és como o Narciso da historia antiga
A quem os deuses, por castigo, mudaram numa flor...

Porque o teu sonho é a fonte de Narciso,
onde te enamoraste de ti propria...
E, por isso, a tua perfeição magoada, que
é o teu amor,
Se converteu numa fonte profunda de lagrimas...

....

O dia era de verão ardente, e um calor de
morte parecia consumir as plantas.
Um servo da quinta veio, cansadamente,
abrir o grande lago,
Que se espraiou pelas varzeas angustiadas
de sêde.

Pouco a pouco, a agua foi gorgolejando e
correndo,
Emquanto Narcisa soluçava, mais branda
e calma.

E em cada leira, em cada rêgo, em cada
arvore, em cada flôr,
Vibrava a seiva forte de *uma vida nova...*

E a Mãe, mais consolada, fitando os olhos
no campo, agora verde, concluiu:
—Filha: a vida não é um homem nem uma
mulher:
Faz das tuas lagrimas o que fez a agua
deste lago...

Escrevêr para quem?

A' hora de morreres, a tua bôca disse-me: «*Escreve, meu amor, escreve sempre,*

Porque se, de todo o ceu, a gente do mundo só vê luzir as estrelas,

Os que vivem com Deus só vêem, na terra, o fulgor dos pensamentos belos...

E eu quero ver, lá do alto, o fôgo das emoções em que os aqueces.

Não chores nem me chames, que os ecos do mundo abafariam a tua voz!...

Assim falaste, meu amor, emquanto os teus olhos iam murchando

E as tuas mãos esfriando nas minhas...

Mas, depois que tu morrêste, eu pergunto: *escrevêr para quem?...*

Mil pensamentos de oiro andam á roda da minha fronte,

Como as folhas doentes do outono vôam, angustiadas, nas asas do vento,

E em vez de caírem em tinta negra, sobre o papel branco,

Elas tombam, em lagrimas claras, sobre a terra negra onde jazes...

Escrever para quê e para quem, meu dôce e suave amor?

As flores da minha Arte, cultivadas, pelos dois, para os teus olhos,

Eram como roseiras plantadas, por nós, á volta da nossa casa...

Tu eras a Dôna da Casa, a Rainha do Jardim, a Senhora da Belêza!...

E, por isso, nunca mais reviverão as flores mortas do meu sonho,

Porque se teem, ainda, a agua fiel do meu pranto vivo,

Falta-lhes o Sol-Criador dos teus olhos mortos...

E vòs?...

A' busca de ventura percorreram tudo,
o mar e a terra,
E a fome de ventura era cada vez maior...

No mesmo instante, como duas aves extraviadas, vindas de país estranho,
Que pousassem, cansadas, em dois ramos da mesma arvore,
As suas almas, sedentas, olharam-se com surprêsa, profundamente...

Era, então, abril, e sobre a arvore verdejante, carregada de ninhos felizes,
Havia apenas, sem vida, os dois ramos sêcos, onde as suas almas se olharam.

Das raizes das arvores, dos ramos cheios de ninhos, pelo tronco quente, a vibrar,
Subia, para eles, a voz profunda e alada da Natureza!
E, á volta da sua sêde, desde as folhas mais altas, ás areias pequeninas,
Tudo lhes perguntava em tentação: *E Vós?...*

E nós?...—repetiram, então, os seus olhos deslumbrados e ardentes,
Já á busca de um logar onde coubesse um ninho...

Uma calhandra, carinhosa e contente, a ameigar os filhos,
Cantou num rêgo, onde o seu ninho era uma cóva...
E sentiram, arrepiados, que a terra era fria para os agasalhar...
E as arvores, por mais altas, bastante frageis para os sustentar...

Os seus olhos tristes fitaram, então, o espaço infinito,

E como sequiosos, agonisantes, prêsos á
beira de um rio,
Eles interrogavam ainda o sol do espaço:
E nós?...

No ceu azul ia então subindo, alta, muito
vizinha do sol,
Uma nuvem branca como um pincaro de
neve...
E embora Deus, suavissimo, viesse pousar
nela,
O amor forte da Natureza fê-los ainda
abrir os labios:
E nós, Senhor, onde ha logar para o nosso ninho?...

Deus tinha, então, as mãos juntas sobre o
seu peito em chaga,
E no gesto de os abraçar, unidos, sobre o
coração, disse-lhes:
Em Mim, meus filhos...

O meu unico Amôr

«Estes primeiros amores
Que no mundo toma a gente . .»
. . . .

(Ao Mendes Guerra)

Afinal, o meu unico amor foi a filhita da
Isabel Tomé...

. . . .

Tinhamos cinco anos, apenas; mas ainda
na serra azul, mal rompia o sol de
Deus,
Eu assomava o meu rosto de morenito
entre as rendas da minha varanda,
E ela sorria-me, como uma rosa branca,
da sua janelita enfumarada e negra.

E desciamos logo, alegres, como passarinhos, a brincar, por todo o dia.
Eu com o meu bibe luxuôso de menino rico,
Ela, pobrezinha, de saíta de riscado, pelo joêlho, descalça.

E que ricos e felizes que nós eramos, com aqueles cinco palmos de terra,
Que minha mãe nos reservara, como dote, num angulo do meu quintal!...
Tinhamos ali de tudo, desde a casa onde se móra, atè ao pomar que dá os frutos.
Um pé de violeta fazia um jardim, os fios de erva eram arvores,
E não faltavam o linho e o milharal.
O trem da cosinha eram pedaços de brinquedos meus,
E o nosso lar uma linda concha que minha mãe trouxera de Espinho....

Oh! como eu recordo tudo isto nos recessos mais longinquos da minha memoria!...

....

Um dia contaram-me que a Isabelita tinha
a doença que levava os meninos da
redondeza...
E durante dias, proíbido de a ver, absorto
na minha melancolia,
Debalde, procurei a minha Rosa Branca
na janelita enfumarada e nêgra!

Na nossa ínfinita herdade de cinco palmos
tudo ía morrendo á sêde...

E uma tarde de maio, sem que eu atin-
gisse todo o horror da noticia,
Contaram-me que ela estava morta, na
Igreja, sobre um taboleiro de flores!

Num momento destruí a herdade linda e
corri, alucinado, á Igreja...
E nunca mais me saiu dos olhos aquele
pequenino corpo, vestido de paninho
alvo,
E o seu rosto macerado, como se fôra
uma grande violêta murcha!...

Depois, veio o padre, de batina nêgra, e
uns homens de opas vermelhas,da côr
do sangue,

E levaram-na, entre cantos, ao som plangente de uma campainha...
E eu segui-os até á cóva, onde a deitaram, mansinha como uma pomba!

Mas quando o coveiro deixou cair, sobre ela, as primeiras pás de terra e pedras,
O meu peito rasgou-se num grito, os meus olhos encheram-se de lagrimas....
E aquele pó ardente da morte, caíndo-me nos olhos,
Apagou a luz branca e dôce da minha vida...

....

Aos tropeções, ferindo-me aqui e alem, por cá tenho andado, minha Isabelita!...
Oh! aquela concha de Espinho, que tu escolhêras para lar da nossa casa,
Foi bem o simbolo da minha vida, que tem sido um mar tormentôso e fundo!
Mas lembro-te sempre, sempre, minha Rosa Branca, minha Isabelita!...

E quando vejo um velho cego e mendigo, a andar e a sofrer, no mundo,

Guiado pela mão pequenina e pura de uma
criança da tua idade,
Consola-me a ideia de que tu, meu dôce
amor, minha Isabelita,
Has-de vir um dia buscar-me, assim, pela
tua mão,
Para me levares, dôcemente, entre luzes e
flores, até ao Cèu.

Reencontrei-Te

(A' Senhora D. Maria da Luz Sobral)

Deus colocou a felicidade no
Amor e a maior felicidade
no Seu Amor,
Mendes do Carmo

Tanta coisa, Senhor, que na vida te pedi,
e nem, ao menos, uma gôta de ventura!

E, porque me abandonaste, assim, sem
graça e sem remedio,
Busquei a ventura, durante anos, debalde,
por todo mundo!

Mas os homens e as mulheres ou passavam
longe, como sombras vãs,
Ou se aproximavam para uma ilusão
maior...

Numa ultima esperança voltei-me, então, para as coisas da Natureza,

Porque o Livro Santo diz que Vós as achastes a todas, belas e bôas!...

Mas debalde, Senhor, debalde! Sempre em mim a sêde da perfeição infinita,

O sonho imenso da perpetua ventura, a fome da paz eterna, sem fim!...

A's madrugadas, com as veias em febre e as mãos em sangue,

Eu galgava as serras altas para matar a sêde na bôca pura,

Onde nascem as rios que regam e sustentam o mundo!

E bebia!... bebia!... A agua era frêsca e pura, abundante e dôce,

Mas sempre pouca para encher o infinito da minha sêde em brasa!

Depois, viajei, mas o mar salgado e silencioso, era a incerteza e o vago...

E quando voltava, carregado de telas e marmores, de musicas e flores,

Eu ficava triste como um guarda ignorante que vela um museu precioso...

Em mim, continuava a ressoar um mundo de vozes estranhas,
Como se fôsse a vozearia barbara de Jerusalem em revolta,
Para crucificarem a minha impiedade, onde havia a sêde de um Deus...

Uma tarde em que me sentara triste entre as flores preferidas,
Como Jesus, na ultima ceia, junto dos Amigos bem amados,
Senti que, entre elas, lavrava uma revolta de orgulho,
Porque os seus perfumes não bastavam á minha sêde de ventura...

Uma flor mais alta, a mais vermelha, parecia a bôca de Judas,
Que ameaçava entregar-me, sem piedade e sem remedio,
A'quelas vozes que, dentro em mim, andavam, em furia, rebeladas!

Então, uma ansia doida de me evolar da terra me invadiu, inteiro !...

Mas o que é a tentação das coisas e do mundo !

Lembro-me de cubiçar, ainda, uma nuvem linda que o sol pintara,

E um pé de vento desfizera em dois golpes brutais !...

Depois, vi que uma forma branca, de maravilha, surgira entre as flores,

Vindo sentar-se junto de mim, a acalmar a minha ansia de longos anos...

E numa lingua misteriosa que era a voz da Infinita Belêsa desejada,

Disse-me, com brandura: *Filho, o teu Reino não é deste mundo...*

A tua sêde eterna tem sido a ansia de Me encontrares...

E eu entreguei-me, Senhor, recostando a fronte no Teu ombro suavissimo...

Memento

(Ao Mendes do Carmo)

Fraco é qualquer homem, buscando, a cada passo, arrimo onde se apoie...
Soberbo é o rico e curva-se á multidão, para que esta o aclame....
Esmagado e rôto anda o pobre, e sente vaidade entre os seus pares...

Cada dia do mundo é uma batalha obscura de vinte e quatro horas:
Desejos insatisfeitos, dôres fisicas, perseguições, calunias,
Tudo o homem sofre, hora a hora, sem que os outros, tambem sofrendo,

Dele se lembrem ou lhe acudam, para o consolar.

A tragedia de um homem, para o resto da gente,
E' tão ignorada como a dôr de um passarinho ferido,
Que foi acolher-se na fenda de uma parêde velha...
Só Deus vê e conhece a agonia da ave ferida...
Só Deus olha, a todo o instante, a tragedia de tudo o que sofre.

De que serve pensar nos homens, se o nosso pensamento os não traz ?
Para que esperar neles, se a nossa miseria é a sua miseria ?
E para que ha-de a febre pedir ás nuvens uma gôta de agua,
Se, acima delas, está o Deus das nuvens e das aguas ?

Com o espelho do ceu, onde revêr e adornar a nossa alma,

E prendemo-nos aos espêlhos loucos do
mundo,

Onde as nossas vaidades se ageitam e exal-
tam..

Senhor!

Levanta o meu espirito acima dos gósos
do mundo,

Como ergues o monte azul acima das deli-
cias dos vales...

Toma, na Tua mão, a minha carne e os
meus nervos,

E castiga-os, á maneira do braço mater-
no,

Que bate o feixe do linho, para o afinar e
embranquecer...

Que sempre e até na melhor estrada

Os meus pés encontrem espinhos de medi-
tação,

Para que a minha vaidade se confunda, na
vil poeira donde vim...

Seja a oração inseparavel dos meus labios.

A' semelhança do perfume que sóbe da flor, até secar.

E que a minha carne seja como a do verme da sêda,

Que toda se converte no fio puro em que se amortalha,

Para que o meu pão de cada dia, se mude apenas,

Na veste branca de vêr a Deus...

O coração das pedras

(Ao dr. Antonio Proença)

As pedras grandes que das serras rolaram para os vales

São os monges tristes dos campos...

Elas perderam a côr gloriosa da montanha azul,

Mas guardam o ar saudoso da Serra,

Que as mandou para os campos em sacrificio dos homens,

Como um convento envia os seus monges

A morrer, docemente, em terras de martirio ..

A' sua volta em tudo sorri o amor: nos laranjais e nas giestas, no ar e na relva.

Só a pedra imovel, mirrada de sêde e de penitencia,

Medita, absorvida, na dureza do seu sacrificio...

O vento bem lhe leva, ás tardes, um punhado de grãos...

Mas guarda-os para as aves, que lhe cantam:

As pedras, coitadinhas, não comem por amor de nós...

A agua que se demora, fervendo de desejos, ao passar por elas,

Bem lhes gorgolêja: *Tu tens sêde, bôa pedra, e não bebes?*

Só quando a agua passa adiante, a regar as plantas,

Estas segredam: *As pedras não bebem por amôr de nós...*

E quantas vezes as pedras, as pobrezinhas, se contorcem de sêde e rebentam de calor!...

Mas até que a sêde as mate, elas dão a
sombra frêsca,

A's plantas e aos homens, a todos os seres
que junto delas se abriguem.

E porque as pedras assim sofrem e sentem,

Vêde lá, ó gentes, se as pedras não
amam?...

O amor leve do musgo nem as contenta
nem as penetra...

Vivem de uma graça triste que anda á sua
volta,

E que é o louvor das coisas ao seu mar-
tirio...

Se alguem lhes pergunta pelo dia em que
nasceram,

Sabe, apenas, que estão ali desde seculos,

Esperando o primeiro homem que precise
delas.

E mal esse homem surge, na sua frente,

Entregam-se, resignadas, como cordeiros
do sacrificio...

E os seus membros alvos e retalhados servem para todas as glorias e humilhações.

O homem faz delas o seu altar e a sua lareira,

As escadas da morada por onde sóbe e as rosas das catedrais onde resa.

Elas glorificam, nas estatuas e monumentos,

As ideias e as emoções, os santos e os herois.

E se as chamam, para servir de chão á rua,

As pedras fazem-se pequeninas, abatem-se,

Para que o pé do homem se não manche, . .

E quanto mais a gente as calca e as pisa,

Mais suaves e delicadas elas se tornam...

Vêde lá, ó gentes, como as pedras são humildes!...

E' a sua humildade que faz a sua virtude,

Porque a todos se sugeitam, servindo para tudo.

Elas formam as cidades e as aldeias,

Abrigando as familias e defendendo, as searas, com muros.

Elas dominam as correntes dos rios e detêem as furias dos mares,

E tanto agasalham as alegrias dos noivos, na grandeza de um palácio,

Como as cinzas dos mortos, num ataúde de cemiterio.

E' nas cavidades das pedras que fazem seus ninhos,

As viboras e as andorinhas, os insectos e os vermes,

Porque a sua caridade acolhe todos os que precisem de abrigo.

Nos campos são elas que ladeiam e guardam os caminhos dos homens,

Firmes e fortes, como fileiras de exercito, á passagem de um rei.

Nos ermos desabrigados, os velhinhos pobres a quem a noite cerrou a estrada,

Encontram, nas pedras, os mimos de um travesseiro.

E os pastores dos montes, nas luas mornas de agosto,

Teem, sobre elas, sonhos doces, á luz das estrelas...

As pedras a todos os seres acolhem, humildes ou gloriosos, queridos ou enjeitados,

Sem lhes perguntar o nome e a raça, nem querer saber donde vêem...

E' aos pés de um muro nêgro e triste,

Que as plantas desprezadas dos homens

Se refugíam, para nascer e dar fruto.

Cada pedra se oferece logo, para as erguer e sustentar;

E as plantas crescem, erguem-se nos braços invisiveis das pedras,

Entrelaçando rosas e amóras, espinhos e doçuras,

Cobrindo de alegria o muro ...

Para tudo servem as pedras, todos lhes devem agasalhos e mimos,

E porque elas, dando-se tanto ao mundo,

Não tiram do mundo a menor coisa,

Dizei lá, ó gentes, se as pedras não são bondosas?

Tão bôas são, que só fazem mal nas mãos dos homens,

E, por isso, a sua bondade é maior que a nossa,

E Deus, quando vem á terra, as prefere, para viver, ao nosso peito.

Na orla de um caminho, ou no alto da montanha,

Basta que a pedra abra os braços em cruz, para que Deus venha morar nela...

E os homens ajoêlham, certos de que Deus se vem recolher ali...

Já no Golgota, quando os homens rugiam, como tigres,

As pedras fixaram a cruz, num abraço firme,

Para que o corpo de Jesus se rasgasse e sofrêsse menos.

E emquanto os Apostolos fugiam e os homens lhe espalhavam o sangue,

Para que a terra impia o bebesse,
Fôram as pedras do *Calvario* e as da
Rua da Amargura
Que guardaram o sangue de Jesus...

Dizei, agora, ó gentes, que as pedras não
teem Fé ?!
Dizei agora que elas não teem coração ?!

Prouvera a Deus que os corações dos homens
Fôssem tão bons como os corações das
pedras !...

Terra alta

(A Guido Battelli, o cantor italiano da Terra Portuguêsa)

(Lembrando D. Sancho I que, pela Guarda, até esqueceu a linda Ribeirinha . . .)

Ai eu coitada como vivo
en gran cuidado por meu amigo
que ei alongado! muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Canc. B. n.º 348

Maldizer dos que a mal conhecem: *a Guarda é fria, feia, forte, farta e falsa.*

Minha Terra alta de azul e neve, como eu te quero e tão mal te julgam!

Os outros dizem-te *falsa* porque lhe faltas e só a mim te dás;

Chamam-te *feia* porque só a mim sorris,

Mas, em paga, reconhecem-te *forte* porque me és fiel!

E se te encontram *fria* é no inverno, quando te despem.

Quando já não és *farta* porque lhes déste os frutos...

Nos mêses em que és morena, de trabalhar ao sol,

Eles querem-te pelo pão das tuas searas...

E quando o inverno te bate e te fustiga,

Eles maldizem-te, queimando, nos lares, a lenha dos teus campos.

Mas como hão-de querer-te, minha terra alta de azul e neve

Se, entre tantos, só eu te compreendo e amo!...

Da tua imensidade eles só vêem o pão quando o recolhem,

E eu admiro em ti a virtude excelsa com que o crias.

São minhas as arvores das tuas serras quando teem flôr,

São deles os frutos quando os recolhem...

E' meu todo o oiro das ceifas quando está
nas espigas,
E' deles todo o grão quando o levam ao
celeiro.

E este oiro e estas flores são o tributo
que me pagam,
Porque eu sou o teu Senhor, minha terra
alta de azul e neve,
Os teus lavradores são meus caseiros, os
teus ricos-homens são meus vassalos!

Eles querem-te pelos teus frutos, para a
sua bôca,
Eu quero-te a Belêsa, para a luz viva dos
meus olhos.

Eles tiram das tuas mãos o que tu crias,
mas as tuas mãos ficam só minhas...

Apreciam-te aos torrões, nos dias mansos
e ferteis...
Eu amo-te sempre, nos dias bons e nos
dias maus.

Não tenho em ti as leiras grandes, para as lavrar.

Mas possuo-te inteira, no esplendor das serras e dos vales.

E se o ceu me não concedeu braços para te cavar,

Os meus olhos teem asas grandes para te abraçar!...

Aos outros dás-lhes, do teu açafate, o trigo branco da caridade...

Dás-lhes do teu pão e da tua agua, dos teus frutos e das tuas searas,

Mas, ó minha terra alta de azul e neve,

E' para mim que guardas o esplendor de tudo o que olhas,

Porque é teu imperio a beleza de todos os campos e serras que de ti se avista!

E como eu me revejo nas tuas galas de Rainha!...

Em março trajas de verde, em junho de oiro,

Em outubro vestes de purpura e em dezembro de branca neve.

Mas quando eu mais te quero e mais te admiro,

E' quando o inverno te despe e todos te maldizem,

Ao verem-te azul e rôxa, no esplendor olimpico da tua nudez!

As tuas montanhas e colinas parecem, então, de um duro aço,

Mas nos dias claros, quando o sol te banha,

Ficas azul e rôxa, como se o frio e o vento

Mortificassem a carne mimosa e tenra de uma criança.

Para te dulcificar a dôr, o Mondego e o Côa, ajudados das suas ribeiras,

Cobrem-te, ás manhãs, o corpo na macia alvura da sua nevoa,

E, por dezenas de leguas, do Marão ao Tejo, da Espanha ao Mar,

Até onde se estende o reflexo azul-imperio da tua fronte,

Ficas mergulhada, a sorrir, num oceano vasto de leite!

De fóra, a olhar o sol claro e o azul sem mácula,

Ficam-te apenas a garganta e o rosto, no alto, a dominar!

E, então, as janelas das tuas casas e os picos azuis dos teus montes

Brilham, como diamantes e safiras no teu colo de rainha!...

E, mais ao largo, boiando no mar leitoso e dormente,

As lombas acasteladas das serranias de aço

Que se encadeiam, altivas, dos Herminios á Morofa,

São os navios fortes que guardam, desde sempre, o imperio da Estrela!

E porque assim és, rainha e valente, neta de Viriato e filha de D. Sancho,

E' que eu te quero, é que eu te amo, minha terra alta de azul e neve,

Que guardas, com zelo, a melhor metade de Portugal!...

A tentação

(Ao Baptista de Mendonça)

Eu vivo entre as casas da cidade como um eremita entre penhascos.

A vozearia das ruas é vento sussurrando nas arvores do meu ermo.

Os odios e os combates são trovoadas distantes que eu ouço, resando assim:

Senhor! quando virá a paz cantada pelos anjos de Belem?...

Frementes de raiva e manchados de poeira, passam, á minha porta,

Bandos de homens que se procuram, como o caçador persegue a fera...

Bandeiras, tintas de sangue, tremulam á sua frente,

E as bôcas dos que as levam respiram chama, na sua voz lateja impiedade.

—*Vem connôsco para a luta*—me dizem eles—*a guerra é a vida, a guerra é a gloria!...*

E o seu convite passa, debalde, sobre a minha cela, como um vento soprado do inferno...

Mas ha, na pedra da minha fonte, uma taça de paz por onde todos bebem...

De quando em quando, um guerreiro vem ao meu ermo,

E, durante horas, fala-me como um Apostolo da unica verdade,

Mas eu descubro, nos seus olhos, o lume da Serpente do Paraíso.

E o lutador, á vista da minha paz, abandona-me, iracundo,

Clamando como um Deus: «*Quem não é comigo é contra mim*».

E não se lembra que, outrora, entre odios de cidades e imperios,

Cidades e imperios se salvaram, só por
neles morar um homem de paz, que
era justo.

Por isso, emquanto as bandeiras passam e
os homens se perseguem,

O meu silencio tem, no meio dos seus
combates,

A harmonia implorativa dos claustros re-
ligiosos...

Eremita de um mundo novo, eu sirvo a
Deus

Resando, no meu êrmo, para que os ho-
mens sejam humildes e bons...

O gentil-homem

Era Senhor daquelas terras, onde os
olhos se perdiam, por serem vastas,
Um gentil-homem que espalhava o oiro,
como o sol derrama a luz,
Ofertando catedrais a Deus e palacios a
principes e fidalgos,
Que vinham encantar-se e folgar no seu
paço de maravilha...

Paraiso da gentileza chamavam ao seu
castelo e ás veigas de cultura,
Porque em tudo luzia a graça e o garbo,
o donaire e a galhardia.

As arvores dos seus pomares brilhavam,
frêscas e cuidadas,
Como plantas amimadas em vasos de
princeza.
Corriam sempre claras as aguas das ribei-
ras, como sobre leitos de marmore.

E os montes e as estradas eram de velu-
dinea relva.

Para que o pó não maculasse os seus rebanhos sem mancha.

Quando ele morrer—diziam os criados de seu amo—*o Sol ha-de vir busca-lo no seu carro!...*

E inclinavam, envaidecidos, a fronte, á passagem daquele Senhor olimpico,

Que mandava, omnipotente, a sorrir, graciôso, como um Deus.

E tal era o amor pela harmonia do seu amo e seus dominios,

Que os proprios servos, quando lavravam, seguiam esbeltos atraz do arado,

Como fidalgos galantes pisando o estofo de uma sala nobre;

E os cavadores, curvando o busto, guardavam a linha airosa,

De um gentil homem que se dobra a cortejar, com elegancia.

Tudo naquelas terras, á volta do castelo, respirava esplendor e graça, delicadeza e magnificencia!

E era tão suave a alma gentil deste gentil-homem,

Que a guardar os portões de prata tinha um criado,

Vestido de sêda e oiro, reluzente como um princípe,

Só para dizer, sorrindo, gentilmente, aos pobres que se aproximavam:

Tenha paciencia, não pode ser...

Crucificado!

(Ao Abrantes Tavares)

Portugal, meu Portugal, Portugal de D. Afonso, batalhando a duas vozes:
A voz de Viriato a comanda-lo, a voz de Ourique a protegê-lo...

Portugal, meu Portugal, Portugal de D. Diniz, milagre da nossa gente:
A terra era Santa Isabel, florindo como o seu regaço...

Portugal, meu Portugal, Portugal de João Segundo, orgulho da nossa raça,
Em que o rei era do povo e o povo era do rei...

Foi então, ó meu País, que o Apostolo das gentes ressurgiu em ti.
Tu fôste, depois, o Paulo dos mares, o Apostolo das gentes por descobrir.

E, para as encontrar e converter, tu andáste sobre as aguas como o Nazareno.

E voltáste sobre as galeras, coberto das palmas dos mundos ignorados.

Como a Jesus, em Belem, os reis submissos deram-te o oiro e o incenso,

E foi de Roma que te veio o poder absoluto dos Cesares.

E o rei esqueceu o povo, como Pilatos abandonou a Cristo.

O clero fez-se duro como Caifaz, a fidalguia como a Sinagoga.

E durava mais de três seculos a tua Rua da Amargura,
Quando o Judas Pedro IV levantou a cruz onde estrangeiros te crucificaram.

«*Portugal, soberano de si mesmo!*» — escreveram-te no alto.

. . . .

Desde então que jazes no sepulcro,

Onde as turbas te jogam a tunica e os destinos...

Mas, meu Portugal, como Jesus que ressuscitou ao terceiro dia,

Tu ressurgirás, redivivo, ao cabo de três gerações...

O Filho da Mendiga

(A' Senhôra D. Arminda Borges de Almeida)

Naquele tempo, que era de fevereiro geiôso, uma mendiga rôta
Viera pernoitar e morrer, sob um castanheiro sem folhas, ás portas da cidade.
E' ao romper do sol, o filho, já crescido, que mamava ainda,
Desenrolou-se do chale negro e abriu-lhe, a sorrir, o peito frio, para almoçar.

Mas os labiosinhos de morango, desprendendo-se do seio morto,
Apenas encontraram uma gôta de leite que a noite gelara,
E que era, no peito branco, a migalha da ceia de vespera, ao pôr do sol.

—*Mãe... mãesinha...*—chamava o pequenino.
E nas tenras mãos que o frio mudara em lirios rôxos,

Apertava-lhe as faces, batia-lhe na fronte.
a rir, para a acordar.

Na estrada, o pôvo que vinha para a feira olhava o quadro, ligeiramente,
Clamando alto contra a preguiça dos pobres, que assim dormiam até altas horas:
—*E' para, á tarde, ter força de lamuriar melhor...*—dissera um rico.
—*Não que o trabalho é duro...*—comentou, sorrindo, um jornaleiro.

E o pequenino, emquanto a manhã subia e a multidão passava,
Olhava, com pasmo, a mãe que não pedia e a gente que não dava...
Os seus olhos azuis, onde o leite diluíra a luz das perolas,
Escurecendo e tremeluzindo ao sol da madrugada,
Eram duas estrêlas espavoridas que a noite se esquecêra de levar...

E como ninguem da multidão lhe deixava para o leite,
Lembrou-se do almôço que a mãe lhe dava,

Quando ambos tinham fome e o peito
estava sêco:
E na boquita, esfomeada e rubra, como ce-
reja que o sol fendêsse,
Entalou a mãosinha rôxa, que se fez alva
como a fatia do alvo trigo.

E sentado junto á morta, nos farrapos
brancos, da geiada,
Sugava os dedos, socegado, fixando, entre
as poeiras, os feirantes do caminho.

Mas a carne tenra da sua bôca cansou-se
e doeu-se...
E na sua cabecita onde a memoria só
aflorava
Com a leveza do aroma num botão, ainda
sem côr, da roseira,
Passou a lembrança de que a mãe, em
seguida a um almôço assim,
O embalava, cantando, pelos caminhos, a
aconchega-lo e a adormecê lo.

E ele que tivera, por berço, um braço
doente e magro,
Bamboleava a cabeça e o tronco, imitan-
do a marcha embaladora ..
E galrejando a melopeia que aprendera á
mãe,

Embalava, em si proprio, a sua dôr sem
culpa...

E os feirantes passavam sempre, sem pa-
rar,
Até que alguem se aproximou e viu a
morta!
E o pequenino, de pé, cercado do povo
que se juntou á roda,
Batia as palmas, de contente, lembrado
das feiras e dos mercados,
Onde a mãe tinha, assim, gente que lhe
atirava as fatias e os frutos.

—*Mãe... Mãesinha?* ..—chamou de novo,
debruçando-se, a abrir-lhe os olhos
duros.

E como não sabia dizer mais, soltou um
grito prolongado,
Em que a convidava a pedir o pão que
lhes faltava.

Agora, todos os caminhos da feira espraia-
vam ali as suas gentes,
Que ficavam, aglomeradas, ás portas da
cidade,

Como rios caudalosos, convertendo-se
num lago.

E quando a Justiça veio, com papeis azuis
e facas aguçadas,
Para encontrar, na autopsia, indicios de
algum crime,
Os olhos da criança sorriram ainda mais,
Porque as facas lhe recordavam o pão cor-
tado das esmolas...

Mas ao primeiro golpe na carne branca,
que não sangrou,
Uma tragedia imensa que mal se viu e
apenas se acredita
(Como se numa gôta de orvalho coubesse
todo o horrôr de uma tempestade...)
Arrepiou os cabelos loiros daquela cabe-
cita em flôr!
E a visão do corpo da Mãesinha dado,
em pedaços, á multidão,
Ergueu-o, espavorido, numa angustia que
lhe pregara os pés.

E os seus olhos, que mal se erguiam três
palmos sobre a terra,
Pareceram olhar d'alto, do ceu... sobre a
multidão em redor,

Sebre os feirantes que, ao longe, enegre-
ciam os caminhos brancos.

E agitando os braços, que tão pequeninos
eram,
Mas que chegavam da terra ao sol e de
horisonte a horisonte,
Ele balbuciava e chorava, parecendo dizer
á Justiça,
Que quem lhe matara a mãe fôra aquela
gente, toda aquela gente...

Avé Maria

(A meu tio P. Joaquim Benedicto)

Avé Maria *cheia de graça !*
Nascêste sem uma leira de pão para a tua mêsa, sem uma oliveira para a luz das noites.
Mas a tua bôca revivia em graça, e, de noite, quando não fazia sol,
A gente de Nazaré pasmava de tanta luz que havia na Tua casa.
Adoravam-Te as crianças, bemdiziam-Te as mães, advinhando em Ti o mysterio da sua ventura.
E se os velhos, inconsolados, antes da morte, pediam para Te embalarem nos braços,
Eles voltavam a môços, para terem a glorio de vêr o Messias.

Os salmos *Avé Maria, Escrever para quem?* e *O meu unico amôr*, estão traduzidos para italiano na antologia, de Guido Battelli : «Lirici portoghese moderni»—G. Carabba—Editore—Lanciano—Italia.

Uma tarde, ao pôr do sol, um clarão imenso pousou sobre a Tua casa.

E nunca mais voltou a noite, o mundo ficou numa aurora,

Que era a divina esperança de nascer o Filho de Deus.

E logo pela terra se espalhou a nova de que *o Senhor estava Comvosco,*

Ouvindo-se, de toda a parte, o clamor das gentes e dos seculos : *Bemdita sois Vós entre as mulheres!*

Nasceu Jesus, bemdito fruto do Vosso ventre, e o ceu abriu-se,

E a palha sêca em que o deitaste reverdeceu em espigas,

Donde nasceu o pão maravilhôso das pobrezinhos.

E, um dia, que, para lhe calar uma dor, o embalavas numa canção da Galileia,

Vistes que o berço se fixara á terra... e, subitamente, criou raizes e floresceu.

A casa de Nazaré foi o vaso escolhido, para nascer a arvore, que havia de abrigar os mundos.

Ela cresceu em troncos imensos que enraízaram nos mares e nas serras.

Os seus ramos passaram as nuvens e o sol, chegando ao ceu...

Correram de estrela a estrela, tomaram todo o azul, criaram um firmamento novo.

E tanto subiram, que os frutos, ao caírem, de graça, por todo o mundo,

Traziam, no seio, o sabôr do ceu...

E tão baixos e generosos pendiam os ramos,

Que os mais pequeninos colhiam frutos de eternidade.

A' sombra desta arvore, cada um encontrava o lar e a eternidade,

Seguro na ventura casta de amar a esposa e os filhos,

Na esperança certa de uma paz perpetua.

Ela dava o oleo santo para os que morriam na alegria infinita de estarem com Deus;

E derramava, na fronte dos velhos e das crianças, o orvalho de um baptismo novo,

Que dava, ao barro humano, asas de vida para entrar no ceu.

E porque de Vós, Senhora, nascêra esta ventura e esta paz,

Os homens, na terra, repetiam o canto dos Anjos, nas alturas :

Avé Maria, cheia de graça !

Mas, Senhora da ventura e da paz,

O sofrer do mundo era tão vasto, que os homens desesperavam,

Esquecidos de que o ceu dista do coração apenas a altura do Vosso braço,

E que ele se abre em frente de toda a alma que Vos diga :

Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores.

Senhora! Nós sômos os filhos dos que muito Vos amaram e muito Vos traíram.

Ajudai-nos, sempre, a ser bons e irmãos, ensinai-nos a sofrer e a amar,

E, *na hora da nossa morte,* sentai-Vos á beira do nosso leito,

E embalai-o, contente, como a Mãe embala o filho recemnascido...

Amen.

ÍNDICE

NOTA

Não agradará a todos os ouvidos este meu livro, no qual o ritmo das ideias e emoções se substituiu á harmonia fonica das palavras e das silabas.

Na metrificação moderna, o ritmo das formas verbais, por muito plastica e eufonica que seja uma lingua, prende as asas imaginativas do poeta, na gaiola de oiro dos sons e das rimas.

Ora nesta luta da forma com o espirito, só os grandes poetas conseguem congraçar os lutadores, de forma que qualquer deles não fique diminuido,mas o modeladôr de versos fica sempre maior poeta que artista, ou mais artista que poeta.

A luta da forma com a ideia é a eterna guerra da materia, a limitar o espirito.

Quererá isto dizer que preferindo, para os meus poemas, o paralelismo oriental á metrificação do verso de hoje, fiz desaparecer a luta?

De modo nenhum, porque ela é enevitavel, até mesmo nos prosadores.

E' que preferi sempre a harmonia dos pensamentos e das emoções, á harmonia dos acentos e das rimas, e o paralelismo é, por essencia, a harmonia dos pensamentos e das emoções.

Dentro do paralelismo, fica, ao poeta, uma maior liberdade de expressão, e a possibilidade de harmonia amplifica-se.

A harmonia das ideias e emoções contida numa maior amplitude de luz e ressonancia, vale bem o concêrto das rimas e dos acentos, ecoando num ambiente de enfonia verbal em que as silabas se contam com algebrico rigôr.

Decerto, quando me refiro ao paralelismo, não quero dizer que um salmo moderno, por exemplo, deva verter-se, com exactidão, nos moldes do Rei David, da mesma maneira que, falan-

do-se do verso grego ou latino, ninguem pretende que se escreva nos moldes de Homero e Horacio.

A verdade, porem, é que o paralelismo pode ganhar, em cada lingua, novos ritmos, e que é um processo artístico, exprimindo, perfeitamente, a vida mental do nosso tempo, podendo imprimir-se-lhe a evolução ritmica que sofreu o verso grego e latino.

Se só modernamente se está cultivando o paralelismo oriental, é porque só modernamente se descobriu, quando os orien talistas se viram obrigados, por necessidade de exegese biblica, a estudar os livros escrituristicos no original hebraico.

Só então se avaliou bem a riqueza admiravel de um processo poetico, que tendo, como instrumento, a escassa e dura lingua hebraica, toda eriçada de termos concretos, produziu os mais belos cantos de todas as literaturas.

A diversidade, que hoje pode multiplicar-se, de combinações ritmicas, contidas no paralelismo, chegou até á suprabundancia, para os poetas hebreus exprimirem a vida intensa do seu povo, em todos as manifestações individuais e colectivas.

O que não poderá, então, fazer-se, modernamente, do paralelismo, tendo a servi-lo uma lingua rica como a nossa, numa altura da vida humana em que os sentimentos e as ideias apresentam uma diversidade e uma complexidade maiores ?

Como molde poetico, proprio para ser adaptado e desenvolvido segundo a natureza linguistica e emotiva de cada povo, o paralelismo é admiravel como o prova a facilidade com que os povos de todo o mundo traduziram os poetas hebreus, recitando-os ou cantando-os, conservando-lhes, sem o menor esforço, o sabor original.

Longe de mim, porem, a ideia, de aconselhar os que me lêem a que me sigam. .

Sendo a primeira vez que um livro desta natureza surge em Portugal, quero sómente acentuar que as grandes dores e os grandes jubilos, todas as grandes manifestações do coração e do espirito (e elas são fundamentalmente as mesmas em todos os povos e em todos os tempos) encontram, no paralelismo, um modo de espressão mais largo e profundo.

N. de M.

Opiniões sobre este livro

Amôr de Deus e da Terra é um livro de delicadissima sensibilidade. De tal modo se amam nele os desventurados, que Nuno de Montemór parece ter ouvido, da bôca de Jesus, o Sermão das Bemaventuranças. Livro escrito por um poeta que é, ao mesmo tempo, oriental e ocidental, encontra-se nele o lirismo dos cantares indianos e o extase do autor ante a graça da mulher portuguêsa, entrevista em imagem perfeita.

Antero de Figueiredo.

Amôr de Deus e da Terra é um livro gotico, do mais puro gotico português, e encontram-se nele das mais lindas paginas da poesia contemporanea.

Em qualquer literatura do mundo obras como o *Amôr de Deus e da Terra*, pertencem á literatura de *elite*.

A prosa ritmada é a mais dificil de todas as poesias, desde que o seu lirismo seja uma chama pura e resistente.

Ora as paginas do *Amor de Deus e da Terra* são de uma elevação constante. Têem o ritmo do extase e nunca me canso de as lêr e relêr.

Augusto de Castro.

E' lamentavel que o livro *Amôr de Deus e da Terra*, que, sob o ponto de vista artistico, é a mais alta manifestação do talento de Nuno de Montemor, não seja tão conhecido e apreciado quanto merece.

Cada trecho deste livro é um cantico em que vibram os mais nobres sentimentos. A musica suave da palavra ergue dele um hino á beleza da criação em que se espêlham as perfeições divinas.

Fernando de Sousa.

Immaginatevi dunque con quanta soddisfazionne e con quanta gioia abria *scoperto* «Amôr de Deus e da Terra» de Nuno de Montemor, libro dove palpita em soffio de vera e grande poesia, piú vera, piú viva, piú umana, di tutte le faticose ricostruzioni neoclassiche tentate in questi ultimei anni.

A bella sahiera de fulgidi ingeni, Chesterton, Maritain, le Cardonnel, Claudel, Jammes, Papini, Ribeiro, Vasquez Mella, Joerseu e Gheon—se aggiunge la nobile figura de um poeta portoghese: Nuno de Montemór.

(De *L' Unitá Catolica*, de Florença.)

Guido Battelli.